



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Psicologia / Programa EICOS
Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

MONALISA BARBOSA ALVES

Mudanças socioculturais advindas do turismo: uma reflexão sob a ótica dos moradores
do Arraial de Conceição do Ibitipoca

Rio de Janeiro

2010

MONALISA BARBOSA ALVES

Mudanças socioculturais advindas do turismo: uma reflexão sob a ótica dos moradores
do Arraial de Conceição do Ibitipoca

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Tania Barros Maciel

Rio de Janeiro

2010

A474

Alves, Monalisa Barbosa.

Mudanças socioculturais advindas do turismo: uma reflexão sob a ótica dos moradores do Arraial de Conceição Ibitipoca / Monalisa Barbosa Alves. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

104f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS, 2011.

Orientadora: Tania Barros Maciel.

1. Turismo – Aspectos sociais. 2. Arraial de Conceição de Ibitipoca, (MG). 3. Turismo cultural. I. Maciel, Tania Barros.

II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 306.4819

Monalisa Barbosa Alves

Mudanças socioculturais advindas do turismo: uma reflexão sob a ótica dos moradores
do Arraial de Conceição do Ibitipoca

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicossociologia de Comunidades
e Ecologia Social (EICOS),
Instituto de Psicologia, da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro como requisito parcial à
obtenção de título de Mestre em
Psicossociologia de Comunidades
e Ecologia Social.

Aprovada em:

Prof. Dr. Tania Barros Maciel – Orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Lúcia Maria Ozório Barroso
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Carlos Frederico Bernardo Loureiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

ALVES, Monalisa Barbosa. Mudanças socioculturais advindas do turismo: uma reflexão sob a ótica dos moradores do Arraial de Conceição do Ibitipoca. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

O turismo é um fenômeno sociocultural complexo. Constitui um conjunto de relações e mudanças de caráter econômico, ambiental, social e cultural. O presente trabalho apresenta uma discussão sobre a relação entre turismo, desenvolvimento e qualidade de vida. Teve como foco as mudanças socioculturais, abordando-as como um efeito combinado de fatores sociais e culturais que resultam diretamente sobre a qualidade de vida da localidade receptora. Tais fatores vêm ganhando espaço frente às discussões sobre o turismo como alternativa de desenvolvimento local. Trata-se de um Estudo de Caso que teve como objetivo analisar em que medida as mudanças socioculturais resultantes da intensificação do turismo no Arraial de Conceição do Ibitipoca, distrito de Lima Duarte - MG resultaram em uma melhor qualidade de vida para a população local. O estudo se fundamentou em uma abordagem interdisciplinar, tendo o olhar psicossocial como seu fio condutor, a partir de análise qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica e documental; pesquisa de campo composta por observação participante e realização de entrevistas semi-estruturadas com moradores locais; análise de conteúdo na modalidade análise temática. A análise dos resultados foi norteada por um diálogo reflexivo que buscou dialogar os temas abordados com os objetivos e problema de pesquisa. Os principais resultados obtidos revelaram que o desenvolvimento do turismo tem contribuído para mudanças socioculturais no local. Tendo estas aspectos positivos, como a geração e emprego e renda, desenvolvimento de infra-estrutura e serviços, convivência com pessoas diferentes, vida social mais ativa e diminuição da pobreza. Segundo os moradores locais tais mudanças resultam na melhoria da qualidade de vida. No entanto, estas também apresentam aspectos negativos, tais como: perda da identidade e características locais, mudanças nos hábitos e costumes, uso de drogas, barulho, lixo, congestionamento de veículos, bares e restaurantes lotados e crescimento urbano desordenado. Os moradores não estão preparados para lidar com a dinâmica das mudanças. Para tal, é necessária uma capacitação dos moradores locais, maior participação local e melhorias na infra-estrutura. Se devidamente planejado e pautado na realidade da localidade o turismo pode ser veículo de desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida.

Palavras-chave: Mudanças socioculturais. Turismo. Desenvolvimento. Qualidade de vida.

ABSTRACT

ALVES, Monalisa Barbosa. Sociocultural changes come from tourism: a reflection from the perspective of the population of the Conception Ibitipoca. Rio de Janeiro, 2010. Thesis (Psychology of Communities and Social Ecology) – Institute of Psychology University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Tourism is a complex sociocultural phenomenon. Is a set of relationships and changes in economic, environmental, social and cultural. This paper presents a discussion on the relationship between tourism, development and quality of life. The focus was on socio-cultural changes, addressing them as a combined effect of social and cultural factors that result directly on the quality of life of the receiving location. Such factors are gaining space forward to the discussions on tourism as an alternative development site. This is a case study aimed to examine to what extent the socio-cultural changes resulting from increased tourism in the Camp of Conception Ibitipoca district of Lima Duarte - MG resulted in a better quality of life for local people. The study was based on an interdisciplinary approach, and the psychosocial look like your thread from qualitative analysis, based on bibliographic and documentary research, field research consists of participant observation and conducting semi-structured interviews with local residents; analysis content in the thematic analysis mode. The analysis was guided by a reflexive dialogue that sought to engage the themes with the objectives and research problem. The main results showed that the development of tourism has contributed to socio-cultural changes at the local. The local people see these changes as improvements in quality of life. However, they also have negative aspects and the residents are not prepared to deal with the dynamics of change. To do this requires a training of local residents, increased to participate work on a better infrastructure. If properly planned and guided by the reality of village tourism can be a vehicle for development and improvement of quality of life.

Keywords: Sociocultural changes. Tourism. Development. Quality of life.

Dedico este trabalho ao meu filho Bernardo por conferir um sentido especial à minha vida e por ser, mesmo sem saber, o motivo para eu sempre continuar.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais César e Denise, pelo amor incondicional, por me ensinarem a ser perseverante e batalhadora, acreditando em mim sempre. O meu mais sincero obrigado.

Ao meu marido, Gustavo, pelo amor, dedicação, incentivo e compreensão. Por acreditar em meus ideais e proporcionar condições afetivas e estruturais para que estes se tornem realidade. Muito obrigado meu amor!

Ao meu filho Bernardo que, ainda tão pequenino contribuiu significativamente com sua tranquilidade para que a mamãe pudesse desenvolver este estudo. Obrigada meu amor, por numa fase tão dependente, permitir que a mamãe desse continuidade ao seu ideal.

Aos meus irmãos, Bruno e Polyana, pelo amor, apoio e incentivo constante.

Agradeço em especial a minha mãe e minha irmã Polyana, por terem, sempre que necessário, me ajudado com os cuidados de meu filho Bernardo, para que este trabalho pudesse ser concluído.

A minha vó Eny, por ser tão presente. Obrigada vizinha pelo exemplo de força e fé.

Aos meus avós, tios e primos pela torcida constante por meu sucesso.

A professora Tania Maria de Freitas Barros Maciel, com muito respeito e carinho, pela oportunidade de crescimento profissional e pessoal. Pelo constante incentivo e compreensão que em vários momentos foram imprescindíveis. Obrigado pelo carinho e amizade, por abrir a porta da sua biblioteca, por dividir seus conhecimentos e ouvir as minhas dúvidas.

A Dona Conceição, moradora local, pelo carinho e receptividade. Agradeço-lhe toda a preciosa atenção dada para a construção e concretização da presente dissertação. Obrigada por me apresentar, sutilmente, o Arraial de Conceição do Ibitipoca.

Aos moradores do Arraial de Conceição do Ibitipoca pelas longas conversas e por me receberem com tanto carinho. Obrigada pela hospitalidade típica de um mineiro!

Aos interlocutores institucionais pela importante atenção e contribuição dada a este trabalho, principalmente ao Márcio (Secretaria de Turismo de Lima Duarte) e Nilson (AMAI). Obrigado pelo apoio no levantamento de dados.

Aos professores do Programa EICOS por me ajudaram a expandir meus conhecimentos.

As professoras Simone Peres e Regina Andrade, que fizeram parte da Banca Examinadora na Qualificação, e com suas observações, críticas e conselhos me permitiram uma maior visibilidade do trabalho.

As professoras Lúcia Ozório e Carlos Frederico Loureiro pela atenção especial dada ao presente estudo. Obrigada pela disponibilidade e por aceitarem participar da minha banca.

Aos alunos do EICOS, em especial a Bruna e Vânia, pela troca de experiências e amizade.

A Carmem e Ricardo pela atenção dada, principalmente quando estive mais distante para o nascimento do meu filho. Obrigada por tornarem minha estada no Programa a melhor possível.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para condução e realização deste trabalho. Obrigado por me ajudarem chegar até aqui!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 DISCUSSÃO CONCEITUAL: TURISMO E DESENVOLVIMENTO.....	19
1.1 O fenômeno turístico no mundo contemporâneo	19
1.2 Globalização e Turismo: a articulação “local/global”	22
1.3 Mudanças socioculturais advindas do turismo	24
1.4 Turismo e sustentabilidade	278
1.5 Pensando o desenvolvimento	30
1.5.1 Discussões a cerca do desenvolvimento e da sustentabilidade	30
1.5.2 Sobre caminhos de desenvolvimento	33
1.5.3 Desenvolvimento local e qualidade de vida.....	35
1.6 Turismo como alternativa de desenvolvimento local	36
2 OS CAMINHOS DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	40
2.1 A pesquisa	40
2.1.1 Fases da pesquisa	41
3 O ARRAIAL DE CONCEIÇÃO DO IBITIPOCA: UM ESTUDO DE CASO.....	48
3.1 O parque	48
3.1.1 Aspectos geográficos.....	48
3.1.2 Aspectos gerais.....	50
3.2. Uma viagem ao Arraial.....	55
3.2.1 Aspectos Geográficos	55
3.2.2 Aspectos Históricos	56
3.2.3 Patrimônio Arquitetônico.....	59
3.3 Turismo no contexto local	61
3.4 Mudanças socioculturais sob a ótica da população local	66
3.5 Turismo, desenvolvimento e qualidade de vida: por uma abordagem local	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	85
APÊNDICES	92
ANEXOS	98

LISTA DE SIGLAS

AMAI – Associação dos Moradores do Arraial de Conceição do Ibitipoca

EICOS - Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IEF – Instituto Estadual de Florestas

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MTur – Ministério do Turismo

OMT – Organização Mundial do Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

ONG – Organização Não-governamental

PEI – Parque Estadual de Ibitipoca

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNEP – United Nations Environment Programme

WWF – World Wildlife Fund for Nature

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1: Resumo dos impactos socioculturais do turismo.	25
Quadro 2: Frequencia de visitantes no Parque Estadual de Ibitipoca Período: 1988-1995.....	53
Quadro 3 :Perfil dos entrevistados.....	66
Quadro 4 :Aspectos positivos e negativos do turismo sob a ótica da população local.....	80
Gráfico 1: Frequencia de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca/Período: 1997-2009	54
Gráfico 2: Média mensal de visitação do Parque Estadual de Ibitipoca no ano de 2009.....	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Parque Estadual de Ibitipoca	48
Figura 2: Mapa- Distância do Arraial de Conceição do Ibitipoca das principais capitais da região sudeste.....	56
Figura 3: Foto Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	59
Figura 4: Foto Capela de Nossa Senhora do Rosário	61
Figura 5: Foto pão de canela	62
Figura 6: Semana santa - Abril de 2010	72
Figura 7: Ruas no centro do Arraial de Conceição do Ibitipoca	93
Figura 8: Praça Matriz - centro do Arraial de Conceição do Ibitipoca.....	94
Figura 9: Casa no centro do Arraial de Conceição do Ibitipoca.....	94
Figura 10: Loja de artesanato no centro do Arraial de Conceição do Ibitipoca	95
Figura 11: Placa na entrada do Arraial	95
Figura 12: Pousadas no entorno do Arraial	96
Figura 13 : Paisagens Parque Estadual do Ibitipoca - 1	96
Figura 14: Paisagens Parque Estadual do Ibitipoca – 2.....	97
Figura 15: Foto do Arraial de Conceição do Ibitipoca	98
Figura 16: O Arraial de Conceição do Ibitipoca - 1987/2007	98
Figura 17: Ibitipoca - "Altar natural"	99
Figura 18: Mapa de distribuição espacial dos meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais amostrado no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca.....	100
Figura 19: Mapa de atrativos turísticos do Parque Estadual de Ibitipoca	101

INTRODUÇÃO

O turismo vem adquirindo uma relevada importância na atualidade. Considerado uma consequência e, ao mesmo tempo, um componente do sistema capitalista e da organização dos seres humanos, que vivenciam uma nova relação do tempo e do espaço, o fenômeno alia-se à lógica da internacionalização e da globalização, transformando o ambiente, o espaço e a cultura. Constitui um conjunto de relações e mudanças de caráter econômico, ambiental, social e cultural. O presente trabalho objetivou analisar as mudanças socioculturais deste fenômeno, buscando analisar em que medida tais mudanças, resultantes da intensificação do turismo no Arraial de Conceição do Ibitipoca, distrito de Lima Duarte - MG, resultaram em uma melhor qualidade de vida para a população local.

Nos últimos anos da década de 1980, quando estas mudanças ocorreram de forma mais intensa, registrou-se a intensificação do turismo no local, não se devendo, entretanto, atribuir tais transformações tão somente ao turismo. As tendências globalizadoras da contemporaneidade, assim como o próprio processo de desenvolvimento local, o levaram a novas estruturações, gerando novas necessidades e valores. Existem, portanto, outras mediações que participam do processo. Seria improcedente imputar ao turismo a causa de todas as mudanças que ocorrem nas culturas, já que a modernização, a mídia, a urbanização, entre outros fatores, têm contribuído para estas mudanças tanto quanto ou ainda mais que a presença do turismo (BANDUCCI JR, 2002). Mas podemos considerar que o turismo contribuiu para acelerar o processo.

Define-se por mudança, neste trabalho, o ato pela qual um objeto se modifica ou é modificado em um ou vários de seus caracteres (DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA, 1991). Ela se refere, portanto, a uma multiplicidade de transformações provocadas pelo desenvolvimento do turismo, que formam um processo de mudanças e não constituem eventos pontuais resultantes de uma causa específica, sendo a consequência de um processo complexo de interação entre os turistas, as comunidades e os meios receptores (RUSCHMANN, 1997).

As mudanças sociais correspondem às alterações na forma de vida de uma determinada comunidade, compreendendo toda transformação que afeta a infraestrutura

ou o funcionamento da organização social. No presente trabalho estas mudanças concentraram-se nos serviços e na infraestrutura adquiridos ou desenvolvidos após o advento do turismo. As mudanças culturais correspondem às modificações ocorridas em certos aspectos locais, sendo estes compreendidos pelo sistema de conhecimentos, comportamentos, costumes, tradições, necessidades e aspirações. Todos estes elementos articulam-se entre si e estão relacionados com a qualidade de vida da população local.

O conceito de qualidade de vida é um construto interdisciplinar e, portanto, diferentes áreas do conhecimento têm contribuído para o seu aprimoramento. Os estudos teóricos acerca da qualidade de vida, inicialmente, consideravam apenas os recursos materiais disponíveis para determinado indivíduo ou sociedade. Observam-se, na atualidade, esforços para definir esse conceito de forma mais ampla e integradora. Não sendo os valores materiais suficientes para tanto, faz-se necessário, também, que o indivíduo se perceba e se aproprie de melhor qualidade de vida. A qualidade de vida considera tanto os aspectos da percepção do sujeito quanto os aspectos de caráter multidimensional que a englobam

O conceito de qualidade de vida, no presente trabalho, é compreendido como a melhoria nos aspectos que se referem às condições gerais da vida. São provenientes de melhorias na infraestrutura e nos serviços, tais como, educação, saúde, habitação, transporte, saneamento básico, assim como aspectos referentes ao conhecimento, à convivência, ao lazer, dentre outros.

O trabalho possui como objetivo central, portanto, analisar em que medida as mudanças socioculturais ocorridas com o desenvolvimento do turismo no Arraial de Conceição do Ibitipoca resultaram em uma melhor qualidade de vida para a população local, acreditando que o tema do desenvolvimento é indissociável da idéia de qualidade de vida.

Para que se atinja tal objetivo, buscou-se abordar, através de um levantamento bibliográfico, a relação entre turismo, desenvolvimento e qualidade de vida; baseado em um levantamento documental, descrever o processo de desenvolvimento turístico no Arraial de Conceição do Ibitipoca; e, através de dados primários obtidos com entrevistas e observações, analisar a visão local a respeito das mudanças socioculturais ocorridas com o desenvolvimento do turismo, assim como sua visão acerca de sua qualidade de vida.

A análise e interpretação do olhar local são essenciais para o êxito de qualquer iniciativa de desenvolvimento focado na qualidade de vida, levando-se em consideração, portanto, o ponto de vista do indivíduo sobre as mudanças socioculturais que o cercam, sua visão e leitura do processo.

Compreende-se como turismo um fenômeno sociocultural complexo, que gera múltiplas inter-relações de importância social, cultural, ambiental e econômica. “Turismo é processo humano, ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico” (MOESCH, 2000, p. 15), sendo, portanto, não somente uma alternativa econômica, mas um agente de mudanças sociais, culturais e ambientais, onde novas necessidades, valores, conhecimentos, referências e serviços são introduzidos no local e na vida das pessoas.

O turismo é um dos fenômenos que mais cresce no mundo (FONTELES, 2004). Segundo dados do Ministério do Turismo, entre 2000 e 2008, as viagens internacionais cresceram 4,2% ao ano, tendo o fluxo turístico internacional alcançado o total de 880,5 milhões de turistas em movimento pelo mundo no ano de 2009, gerando com isto uma renda de aproximadamente US\$ 852,4 bilhões (MTur, 2010). No Brasil, ainda em 2009, gerando uma receita de aproximadamente US\$ 5,3 bilhões (MTur, 2010), o número de turistas chegou a 4.802.217 milhões.

Estes números nos mostram que o montante de pessoas que viajam por todo o mundo em busca de lazer, diversão, negócios, dentre outros motivos é cada vez maior. Dentre estas pessoas uma parte significativa tem buscado como destino áreas naturais onde possam descansar, passear, relaxar e estar, ao mesmo tempo, em contato com a natureza. A busca por estes destinos, que tem se tornado cada vez mais freqüente, teve um crescimento de 12,8% em 2004 para 22,2% em 2008 (MTur, 2010). Frente à presença deste fluxo de pessoas torna-se crescente a necessidade de estudos que levem em consideração as mudanças socioculturais causadas pelo turismo sobre as comunidades que vivem próximas a essas áreas. Trata-se aqui de uma sociedade, em um determinado tempo, sofrendo alterações em seu espaço, suas formas sociais e no seu cotidiano em função da entrada de um novo elemento, no caso, o turismo, com toda gama de serviços, infra-estrutura e fluxo de pessoas que envolve.

A bibliografia de pesquisas que contemplam abordagens sociais ou antropológicas, envolvendo o turismo e comunidades receptoras, apresenta-se incipiente, uma vez que o objeto dos estudos turísticos está quase sempre centrado no

turista e nos interesses da indústria que se sustenta em viagens. Os custos sociais, por conseguinte, não aparecem costumeiramente em nenhum levantamento contábil dos empreendimentos deste setor (KRIPPENDORF, 2003).

Banducci Júnior e Barreto (2002) estão de acordo com Krippendorf ao afirmarem que, até pouco tempo atrás, as pesquisas direcionadas ao estudo do turismo concentravam suas indagações em torno do turista e das implicações econômicas originadas pela atividade. Recentemente, alguns pesquisadores têm voltado seus interesses sobre as mudanças causadas pelo turismo em comunidades receptoras e seu meio ambiente, embora os estudos nesta área ainda sejam escassos.

Torna-se oportuno, nesta perspectiva, delinear estudos que investiguem os desdobramentos socioculturais do fenômeno turístico em comunidades receptoras, compreendendo o turismo enquanto um fenômeno sociocultural complexo, enfocando aspectos como a relação entre os moradores locais e os novos atores sociais introduzidos na dinâmica sociocultural da localidade, o turismo como alternativa de desenvolvimento local, bem como os resultados desses processos, estando estes relacionados com a melhoria na qualidade de vida e bem-estar da população local.

Souza (2002) ao analisar a contribuição do turismo para o desenvolvimento local afirma que como uma atividade complexa, de importância crescente e de significativo potencial de mudanças (positivas e negativas) sobre as relações sociais e o ambiente, o turismo merece mais que um lugar subalterno no contexto da reflexão teórica sobre o desenvolvimento.

Este projeto surge de tais necessidades e da importância que os estudos, com foco na cultura, têm suscitado atualmente, acreditando-se ser este um aspecto essencial para que se alcance um desenvolvimento local. Evidencia, portanto, a vertente cultural do desenvolvimento, vertente esta que considera o homem como elemento central de todo o processo, valorizando sua cultura, e cujas finalidades baseiam-se em uma melhor qualidade de vida e bem-estar social, dependendo, segundo Morin (1995), de imperativos éticos, onde o econômico deve ser controlado e finalizado por normas antropológicas. Maciel (2003) afirma que, diante o processo de globalização, esta vertente, que reconhece a importância dos aspectos culturais, nunca esteve tão atual.

A relevância deste estudo se dá pela importância social e acadêmica que esses trabalhos têm assumido diante do processo de desenvolvimento, acreditando, como Irving, que o êxito dos projetos de desenvolvimento turístico devem trazer, como foco principal, a compreensão do significado do lugar turístico em todas as suas nuances e

complexidades, assim como “mapear, em uma visão prospectiva, a percepção, expectativas e motivações dos que estão e dos que virão a compor o lugar turístico” (IRVING, 2003, p.181). É fundamental a contribuição dessas investigações e relatos de experiências para o conhecimento do complexo fenômeno social, cultural, econômico e ambiental que é o turismo.

Para um melhor dimensionamento da pesquisa, adotou-se como estudo de caso o Arraial de Conceição do Ibitipoca, uma comunidade com 971 habitantes (IBGE, 2000) que serve de base para os turistas que visitam o Parque Estadual de Ibitipoca – um atrativo de relevada importância nacional que fica a 3 km do Arraial – e que pode, nos últimos anos, ter sofrido transformações em função do turismo. O local, por esta razão, tem um excelente potencial como objeto de pesquisa no campo do turismo, especialmente com relação à questão das mudanças socioculturais e a qualidade de vida como aqui formulada.

O trabalho é fruto de uma trajetória acadêmica e pessoal, que incluiu estudos sobre turismo, lazer, cultura, meio ambiente e desenvolvimento. O primeiro contato realizado com a população do Arraial de Conceição do Ibitipoca aconteceu em março de 2008 para a elaboração do trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão Ambiental em Problemas Urbanos, sendo esta primeira interação de caráter mais objetivo, identificando, tão somente, tais mudanças.

O contato com leituras provenientes da ecologia social, que abordam temas como desenvolvimento local, sustentabilidade e cultura, gerou o interesse pela realização de um estudo mais aprofundado, procurando, através de um embasamento teórico fundamentado nestas leituras e de uma metodologia bem delimitada, analisar como os moradores vêem as mudanças socioculturais ocorridas no local.

É importante destacar que esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), do Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo como base a linha de pesquisa “Comunidades, Desenvolvimento, Meio Ambiente e Inclusão Social”, que tem como foco central a perspectiva interdisciplinar vinculada à dimensão psicossociológica do desenvolvimento. Enfoca temas como o desenvolvimento global e local, a sustentabilidade, comunidades e metodologias participativas, o turismo e o lazer. O ingresso no Programa de Mestrado de Psicossociologia e Ecologia Social criou a oportunidade de aprofundar e enriquecer o estudo realizado anteriormente no curso de

Pós-Graduação, apresentando uma pesquisa de caráter interdisciplinar, acreditando, como Moesch (2000), que o caráter complexo do turismo sugere uma abordagem interdisciplinar e multidisciplinar, que revele uma base sociocultural. Segundo a autora, a interdisciplinaridade é fundamental na análise do turismo como fenômeno social, cultural, comunicacional, econômico e subjetivo, avançando fronteiras de uma única disciplina ou de um único campo do saber.

Este trabalho justifica-se pelo fato de eu, como turismóloga e mestrandia em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – Ecologia esta pautada em uma preservação sócio-cultural-ambiental para um desenvolvimento desejável, propondo como objeto de estudo as relações existentes entre o homem e o meio ambiente onde habita, do homem com seus semelhantes que partilham do mesmo, a dinâmica cultural, ou seja, o conjunto de relações que dão forma ao complexo sociocultural de determinada região (MACIEL, 2006) - necessitar compreender melhor o processo de desenvolvimento do turismo e como ele se relaciona com a qualidade de vida da população local, considerando aqui a importância que estes atores vêm assumindo atualmente diante as discussões sobre desenvolvimento.

A percepção da população local acerca do assunto não está sendo levada em consideração em diversos casos, apresentando-se como um problema para um desenvolvimento local, cujas peculiaridades refletem projetos focados em sua realidade, ritmo e dinâmica sociocultural.

O desenvolvimento do turismo leva as comunidades a passarem por muitas mudanças, e, segundo Fonteles (2004), durante esse desenvolvimento, o espaço – territorial e social – vai se modificando e novos valores, novos símbolos, novas referências, novas expectativas, novas utopias são introduzidas no local.

Uma tentativa de análise destas mudanças se faz presente neste trabalho, acreditando-se, como Laraia, que todos os sistemas culturais estão em processo de modificação, havendo a possibilidade de existência de dois tipos de mudança: “uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro” (LARAIA, 2006, p.96). Este segundo tipo de mudança será enfatizado, onde a população local entrará em contato com os turistas, empresários, dentre outros atores envolvidos no processo de desenvolvimento do turismo. Será levado em consideração aqui o confronto e a negociação resultantes do contato entre esses atores sociais, assim como o processo de

releitura mediante os elementos introduzidos com o turismo, elementos estes ligados tanto à infraestrutura quanto aos modos de pensar e agir.

O estudo tem a finalidade, com este enfoque, de contribuir com a academia, o *trade*¹ e a comunidade em questão, em uma maior reflexão sobre o conhecimento no aspecto sociocultural do turismo, buscando analisar como seu desenvolvimento está relacionado com a busca por uma melhor qualidade de vida e o bem-estar da população local, acreditando como Irving que

[...] o planejamento turístico voltado para a sustentabilidade vislumbra então possibilidades inovadoras na leitura socioambiental, na abordagem interdisciplinar, no olhar psicossocial, no pensar transversal e no fazer criativo. Nesse contexto, os estudos de caso, as práticas de campo, a pesquisa participante e os projetos interdisciplinares emergem como arcabouços metodológicos em pesquisa e investigação científica (IRVING, 2003, p.176).

Na tentativa de uma reflexão sobre as questões mencionadas, a presente dissertação foi estruturada em uma apresentação, que buscou introduzir os leitores à problemática de pesquisa; três capítulos e as considerações finais.

O primeiro capítulo discute o embasamento conceitual que orienta o tema do turismo, do desenvolvimento e da qualidade de vida, abordando as atuais discussões sobre o assunto, trazendo questões referentes à articulação local/global, às mudanças socioculturais advindas do turismo, assim como a sustentabilidade, o desenvolvimento local e o turismo como alternativa de desenvolvimento local. O segundo capítulo delinea os procedimentos metodológicos da pesquisa. O terceiro capítulo apresenta o estudo de caso e discute os resultados da pesquisa. As conclusões finais serão apresentadas na quinta e última seção, compreendendo as deduções e recomendações do trabalho.

1 DISCUSSÃO CONCEITUAL: TURISMO E DESENVOLVIMENTO

¹ O termo que em inglês significa “negócio/tráfico” é usado no âmbito do turismo para designar todas as instituições envolvidas com o turismo.

1.1 O fenômeno turístico no mundo contemporâneo

Após o processo de industrialização, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, as cidades são alardeadas como fenômeno causador do estresse, emergindo, paralelamente a este processo, as atividades de lazer e do turismo possibilitadas pelo tempo livre, evolução dos transportes, velocidade das informações, rompimento das fronteiras mundiais, em termos econômicos, sociais, culturais, dentre outros fatores.

Para Dumazedier (1999), o tempo disponível é o resultado da evolução da economia e da sociedade, um novo valor social da pessoa, um novo direito social. O lazer está diretamente relacionado à “possível deterioração do indivíduo ou à livre defesa de sua integridade contra as agressões de uma sociedade industrial e urbana” (DUMAZEDIER, 1999, p. 96), sendo os espaços de lazer cada vez mais necessários para o equilíbrio humano de cidades cada vez maiores. O processo de urbanização pressiona o cotidiano da vida urbana, fazendo com que as pessoas sintam a necessidade de saírem do seu cotidiano, na busca de lugares que as permitam se distanciar da rotina. O que há, segundo Dumazedier (1999), é uma sociedade de um tipo novo, dominada pelo setor terciário, um problema global de libertação e de destinação do tempo e do espaço.

Segundo Morin (1995), o que acontece são reações às coerções da vida urbana burocratizada que, a partir dos anos 1960, manifestou-se através do desenvolvimento de uma vida de alternância trabalho/lazeres, cidade/campo, com *weekends* e férias múltiplas. Para o autor, o posterior brotar da consciência ecológica acentuou a busca do ‘natural’ em todos os domínios.

Bauman (1999, p.21) afirma que os transportes e as viagens foram campos de mudança particularmente rápidos e radicais, e foi, “antes de mais nada, a disponibilidade de meios de viagem rápidos que desencadeou o processo tipicamente moderno de erosão e solapamento das ‘totalidades’ sociais e culturais localmente arraigadas”.

Diversos destes aspectos do mundo contemporâneo podem ser identificados como fatores geradores do fluxo turístico. Diante de todas estas mudanças o turismo emerge como uma atividade extremamente importante.

Lage (2000) e Ruschman (1997) afirmam que foi a partir do século XX, mais precisamente a partir da década de 50, que o turismo evoluiu, projetando-se como um

dos mais importantes setores econômicos do mundo. Fonteles (2004) concorda com os autores, mas reconhece também a importância sociocultural do turismo. Segundo o autor, embora o turismo comece a se organizar em meados do século XIX, somente a partir de 1950 este se consolida como fenômeno de massa, bastante significativo em termos socioeconômicos e culturais.

Para Lickorish e Jenkins (2000), foi a partir da década de 1970 que estudiosos e profissionais do turismo passaram a dar mais atenção “ao relacionamento entre turistas e população local e, principalmente, aos efeitos não-econômicos induzidos por esse relacionamento” (LICKORISH e JENKINS, 2000, p.105).

As primeiras abordagens do turismo no meio acadêmico enfatizavam os aspectos econômicos, devido a sua relevância financeira em termos globais, regionais e locais. Os economistas foram os primeiros a investir na teoria sobre o tema, contribuindo com suas análises de mercado, estudos sobre os impactos econômicos e geração de empregos. Tais discursos, entretanto, reproduziam fundamentalmente os aspectos benéficos do setor, utilizando-se dos dados estatísticos para defender a proliferação do turismo (JAFARI, 1994).

Segundo Krippendorf (2003), essas abordagens não enfocavam outros aspectos envolvidos na complexidade do fenômeno turístico (DIAS, 2003; MOESCH, 2000). Por conseguinte, o estudo sistêmico das dimensões que o envolvem têm desencadeado uma série de discussões a respeito das mudanças ambientais, sociais e culturais engendradas pelo turismo em comunidades receptoras, estimulando assim a problematização e a discussão em torno de temáticas até então marginalizadas.

Estudiosos têm, atualmente, contribuído com suas análises para a formação do conhecimento da inter-relação entre os diferentes aspectos que o fenômeno envolve, onde percebe-se a mudança do enfoque apenas econômico para um enfoque que leve em consideração o ambiental, o social e o cultural. Tais aspectos vêm ganhando espaço frente às discussões sobre o turismo como alternativa de desenvolvimento. A crescente produção científica na área tem mostrado a importância que este vem assumindo não apenas no âmbito local, como alternativa de desenvolvimento para muitas localidades, como também para a sociedade global como um todo.

O conceito a respeito do turismo é bastante abrangente e envolve interpretações distintas entre vários estudiosos. Com o passar dos anos, surgem diversas definições sobre o mesmo, aprimorando assim, e cada vez mais, a relação entre os aspectos que o

envolvem. A vasta gama de aplicação de conceitos apresenta alguns conflitos entre si, de acordo com o foco que cada autor apresenta. Para Beni (2006), o fato de o turismo encontrar-se ligado praticamente a quase todos os setores da atividade social humana é a principal causa da grande variedade de conceitos. Para o autor, não se pode dizer que esse ou aquele conceito é errôneo ou inadequado, quando se pretende conceituar o turismo sob uma ótica diferente.

O presente trabalho adota o conceito colocado por Moesch, entendendo o turismo como

uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade consumido por milhões de pessoas, com síntese: o produto turístico (MOESCH, 2000, p. 09).

O turismo é aqui colocado enquanto fenômeno sociocultural complexo, cujo estudo deve ser orientado pelo olhar psicossocial, visando à construção de sociedades mais justas e participativas promovendo o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável. Com esta finalidade, a pesquisa teve como foco principal um ator fundamental no processo de desenvolvimento, ocasionado com o incremento do turismo: a população do destino turístico.

Ainda que o presente trabalho não tenha como foco o caráter econômico do turismo, é importante ressaltar que este é considerado, atualmente, um fenômeno de elevado índice de crescimento no contexto econômico mundial, uma vez que responde por aproximadamente 10% do PIB mundial, sendo responsável pela geração de 194,5 milhões de empregos diretos e indiretos (MTur, 2010). O turismo se apresenta, portanto, como uma das mais importantes atividades econômicas mundiais.

A força desse fenômeno é apresentada por Trigo (1998), quando revela que o turismo se tornou uma das forças transformadoras do mundo pós-industrial. No entanto, este crescimento não é sinônimo de desenvolvimento. O potencial econômico do turismo, muitas vezes, não tem sido acompanhado apenas por mudanças positivas nos aspectos ambiental, social e cultural das localidades receptoras. O turismo visto como alternativa de desenvolvimento deve assegurar o crescimento econômico, mas, ao mesmo tempo, o manejo e uso responsável dos recursos naturais, garantindo uma

distribuição mais equitativa da renda, redução das diferenças sociais e os direitos de cidadania, além de buscar soluções de âmbito local, utilizando-se dos recursos e potencialidades das culturas específicas, considerando a identidade cultural e o modo de vida local.

Dentro deste panorama, o turismo passa a ter não somente grande importância econômica, como gerador de divisas e renda, mas também importâncias notadamente relevantes sobre a qualidade de vida, a cultura e o espaço natural e social das áreas receptoras. No contexto em que se desenvolve, frente a esta sociedade capitalista, consumista e globalizada, podemos perceber o valor econômico, social, ambiental e cultural que este vem ganhando.

1.2 Globalização e Turismo: a articulação “local/global”

O fenômeno turístico está inteiramente relacionado com o processo de globalização, propiciando múltiplas visibilidades para novos atores sociais, novas identidades, novas necessidades, novas referências, novas práticas.

Para Canclini (2003), chegar à globalização significa aumentar o intercâmbio com os outros mais ou menos próximos, renovando nossa compreensão sobre suas vidas, em um processo de recomposições entre o local e o global. “A globalização, mais do que uma ordem social ou um processo único, é resultado de múltiplos movimentos, em parte contraditórios, com resultados abertos, que implicam diversas conexões ‘local-global e local-local’” (CANCLINI, 2003, p. 43); onde o global se “estaciona” em cada cultura e o local se reestrutura para sobreviver e talvez tirar algum proveito das trocas que se globalizam.

Ianni (1995), referindo-se à globalização, afirma que “a própria cultura encontra novos horizontes de universalização, ao mesmo tempo em que se recria em suas singularidades” (IANNI, 1995, p.29).

Hall (2000), ao analisar esse processo, afirma que a globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, tornando as identidades mais plurais e diversas. Segundo ele, o turismo possibilita a aquisição de identidades, assim como as trocas interculturais, criando mudanças na cultura das identidades de cada localidade.

Para Irving (2003), o fenômeno turístico envolve uma pluralidade de identidades que, sob o conflito latente e cotidiano, se diversificam e consolidam. Identidades de raízes, migrantes, transitórias, identidades que se associam e dissociam, que criam, transgridem, renovam. Para a autora, o lugar turístico é o locus do conflito e da criação e fusão das subjetividades, onde o turismo emerge como indutor de novas identidades.

Ao incidir diretamente sobre a localidade, tal mudança gera novas necessidades, novas aspirações, novos conhecimentos, novos hábitos, aspectos estes que interferem diretamente sobre a qualidade de vida da população. As trocas resultantes da articulação “local/global” devem visar o desenvolvimento, o aprimoramento, a inovação, em um processo de construção e reconstrução do lugar.

Para Bourdin (2001), este processo ocorre em função da ação que nele se desenvolve e das transformações do contexto. O autor caracteriza esse processo como reflexivo, se definindo continuamente em função do conhecimento que temos do lugar e da mundialização, resultando assim em localidades plurais, reflexivas e instáveis, mas nem por isso menos importante; ao contrário. Alguns consideram, segundo ele, as diversas transformações do mundo e da vida social como, por exemplo, a mobilidade, como fatores perturbadores e como perigos, não levando em consideração que elas possam produzir novas definições da localidade, onde o local não tem o quadro imutável claramente definido pela pequena escala que muitas vezes se imagina, mas constituindo, ao contrário, um contexto instável de produção da ação.

Hall (2000) concorda com Bourdin (2001) ao afirmar que o local não deve ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Ao invés disso, ele atua no interior da lógica da globalização, onde é mais provável que esta passe a produzir, simultaneamente, novas identificações globais e novas identificações locais. Para o autor há, ao lado do impacto da globalização, um novo interesse pelo local.

Pensar este local, portanto, é compreender a cultura existente e a articulação desta com as mudanças da sociedade globalizada. Com a valorização dos espaços locais, as teorias acerca do desenvolvimento se voltam para esses espaços e um número crescente de trabalhos tem abordado a importância da cultura, valorizando as necessidades, aspirações, costumes, tradições, conhecimentos e experiências. É necessário compreender que esse local deve ser percebido na sua relação com o processo de globalização, devendo ser entendido em suas diferenças, suas

especificidades, suas tradições e nos processos contínuos de mudanças presentes em sua dinâmica sociocultural. A concepção do desenvolvimento que tem o local como referência deve repousar sobre a harmonização de fatores endógenos e fatores exógenos, recorrendo a uma combinação de importações seletivas adequadas a cada realidade.

Para Hô (1988), isto significa que cada sociedade deve viver sua própria modernidade através de suas próprias inovações múltiplas, multiformes e multidimensionais, tanto no domínio tecnológico quanto social, cultural e ideológico, pela adoção de vias originais e diversificadas de desenvolvimento. Através da análise deste processo, Hô (1988) estabelece a identidade cultural como princípio dinâmico, que permite a uma sociedade se transformar sem perder sua configuração original, acolhendo a mudança sem se alienar dentro dela. Uma comunidade pode preservar os valores essenciais de sua identidade e sua integridade cultural modificando o contexto social para melhorar sua qualidade de vida.

1.3 Mudanças socioculturais advindas do turismo

O desenvolvimento do turismo acarreta mudanças nas localidades receptoras do turismo. O comportamento, as relações, o cotidiano, o modo de vida, a infraestrutura e os serviços se alteram, influenciando diretamente na qualidade de vida da população. Autores como Cooper (2001), Lickorish e Jenkins (2000), Irving (2005), Silveira (2002), Fonteles (2004), Sancho (2001), Ruschmann (1997), Banducci Junior (2002), Souza (2002) e Dias (2003) apresentam em seus estudos aspectos positivos e negativos destas mudanças.

Para Cooper (2001), os fatores socioculturais influenciáveis pelo turismo geralmente são os mais difíceis de quantificar e medir, sendo “altamente qualitativos e subjetivos por natureza”. Para Lickorish e Jenkins (2000), uma das maiores dificuldades na identificação dessas mudanças se deve ao fato de elas demorarem um certo tempo para emergir.

A Organização Mundial do Turismo elaborou em 1997 um esquema do que denominou como *Resumo dos Impactos² Socioculturais do Turismo*:

² O que a OMT caracteriza como “impacto” o presente estudo pretende definir como “mudanças”.

Fatores associados com o turismo	Impactos positivos	Impactos negativos
O uso da cultura como atração turística	Revitalização das artes, festivais e línguas. Acréscimo das culturas tradicionais.	Mudanças nas atividades tradicionais. Invasão da privacidade.
Contatos diretos entre turistas e moradores	Ruptura dos estereótipos negativos. Aumento das oportunidades sociais.	Aumento da comercialização. Introdução de doenças. Efeito demonstração.
Mudanças na estrutura econômica e papéis sociais	Maiores oportunidades econômico-sociais. Diminuição de desigualdades sociais.	Conflitos e tensão na comunidade. Perda da linguagem.
Desenvolvimento de infra-estruturas	Aumento das oportunidades de lazer.	Perda de acesso às atividades de recreio e lazer.
Aumento da população de turistas	Melhora das condições sanitárias.	Congestionamento, multidão, aumento da criminalidade.

Quadro 1: Resumo dos impactos socioculturais do turismo.

Fonte: OMT, 1997.

Portanto, do ponto de vista positivo a contribuição do turismo para a melhoria da qualidade de vida da população pode ser sentida de múltiplas maneiras: pela geração de emprego; pela distribuição e circulação de renda; pelos investimentos e inovações que promove; pelo desenvolvimento de infraestruturas; pela preservação do ambiente e recuperação do patrimônio histórico e cultural; pelas oportunidades de desenvolvimento local que representa; e, pela possibilidade do encontro, do intercâmbio intercultural, da troca, da inovação.

Esses efeitos interagem em diversos domínios da sociedade e, de maneira geral, envolvem os ambientes cultural, ambiental, econômico, político e social. O turismo vem, por esta razão, assumindo uma importância vital em políticas públicas. A Organização Mundial do Turismo (OMT, 1994) tem evidenciado o potencial do

fenômeno no combate às desigualdades sociais, à pobreza, às altas taxas de concentração de renda e à degradação dos recursos naturais.

Apesar de possuir este potencial, o turismo, quando desenvolvido segundo a lógica de mercado, priorizando o lucro e o rápido retorno dos investimentos, pode gerar conseqüências perversas, contribuindo para a concentração dos benefícios nas mãos dos grandes investidores, o agravamento do processo de exclusão social e para a degradação do patrimônio natural, histórico e cultural, descaracterização da cultura das localidades receptoras, agravamento da violência e consumo de drogas, aumento excessivo de preços, especulação imobiliária, dentre outros, sendo considerado, neste aspecto, veículo significativo de mudanças negativas sobre os destinos nos quais se desenvolve.

Segundo Irving e outros (2005), em um cenário de crescente demanda por lazer, as estatísticas de turismo e o discurso oficial, expressam freqüentemente concepções idealizadas dos benefícios possíveis gerados pelo desenvolvimento turístico, e tendem a mascarar e minimizar as mudanças negativas socioambientais e culturais decorrentes deste processo.

Para Silveira (2002) os argumentos evocados são, em geral, sempre os mesmos, tais como, a geração de empregos para a população, a captação de divisas para o município e os lucros para o setor de serviços. No entanto, poucos têm-se perguntado se esse desenvolvimento promove distribuição de renda mais equitativa, ou seja, melhoria nas condições de vida da população como um todo, e não apenas de uma parcela. Por outro lado, em que pesem os benefícios econômicos do turismo, muitos estudos e pesquisas tem mostrado que essa atividade provoca mudanças negativas no meio ambiente. São mudanças que incidem tanto no meio natural, quanto no patrimônio histórico-cultural e modos de vida dos habitantes locais.

Fonteles (2004) concorda com os autores ao afirmar que o turismo, ao lado dos resultados positivos, pode provocar também efeitos negativos. Segundo o autor, o turismo pode ocasionar deteriorização do meio ambiente, destruição do patrimônio natural e cultural, mudança da cultura regional, além das próprias questões econômicas, como o aumento dos preços, a redução da oferta de produtos à demanda da população local e a instabilidade no mercado de trabalho, por ser uma atividade sazonal. Segundo o autor, frente ao fluxo cada vez maior de pessoas, espaços são repensados e reorganizados, no sentido de satisfazer os desejos de uma clientela que vem de fora,

sendo, neste momento, quando o turismo deve ser repensado levando em consideração todos os elementos e atores envolvidos.

O presente trabalho reconhece a importância das mudanças em todos os âmbitos: econômico, ambiental, político, cultural e social. No entanto, tem como foco as mudanças socioculturais. Para Sancho (2001), as mudanças socioculturais oriundas do turismo são o resultado das relações sociais mantidas durante a estada dos visitantes, cuja intensidade e duração são afetadas por fatores espaciais e temporais restritos. Cooper e outros (1993) falam de mudanças socioculturais indiretas, referindo-se às mudanças sociais que ocorrem sem haver o “contato” com os moradores, e refletem em novas formas de comunicação, transporte e infraestrutura.

Em suma existem inter-relações entre as mudanças negativas e positivas no aspecto sociocultural. Contudo, as ações são interdependentes das outras mudanças tanto econômicas como ambiental, surtindo reflexos expressivos no que concerne ao sociocultural, ou seja, qualquer acontecimento positivo ou negativo terá conseqüências diretamente no âmbito social e cultural nas localidades de fluxo turístico.

Alguns destinos turísticos possuem mudanças incomuns e específicas. Os resultados de um estudo sobre estas mudanças em uma localidade específica não podem ser tidos como uma conclusão geral, uma vez que diferentes locais podem apresentar diferentes respostas, em se tratando de um grupo de pessoas com sua própria cultura, sua tradição e seus costumes, fatores que irão influenciar diretamente suas atitudes em relação ao turismo.

Todas estas mudanças e o conseqüente desenvolvimento, ocasionado com a intensificação do turismo, podem representar um caminho para a melhoria da condição de vida da população local, desde que o foco do planejamento esteja na geração de oportunidades e benefícios reais para esta população. O turismo pode estar inserido na economia local de maneira integrada e equilibrada, sem com isso ameaçar o equilíbrio econômico, social, ambiental e cultural da comunidade.

1.4 Turismo e sustentabilidade

As discussões referentes ao turismo e a sustentabilidade são um fenômeno dos anos 90, repousando suas origens em um conceito mais amplo, o desenvolvimento sustentável, debatido desde meados da década de 1950.

Alternativas de um turismo baseado nos preceitos da sustentabilidade são colocadas e discutidas por estudiosos e pesquisadores, em face de tendências ambientais e culturais degradantes que o modelo dominante acarretaria. Tais propostas constituem alternativas por oposição às que hoje ainda são hegemônicas e significativas, ou acenam para outro novo contexto de emergência de novos paradigmas e valores, dada a falta de poder explicativo, bem como a perda de legitimidade dos paradigmas ainda vigentes (SANTOS, 1989).

Na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, o turismo estava introduzido nas discussões sobre o desenvolvimento, embora tenha sido ainda um tema periférico. Como desdobramento da Agenda 21, que foi resultado desta Conferência, e é considerada uma referência importante para o estabelecimento de práticas sustentáveis, a OMT publicou, em 1994, a “Agenda XXI para Indústria de Viagens e Turismo”. Adequando-se à discussão sobre sustentabilidade, cria em 1999, o “Código Mundial de Ética do Turismo”. De acordo com o Código, é dever do turismo prover as comunidades de destino com a participação equitativa nos benefícios econômicos, sociais e culturais, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população receptora.

A OMT (1994) coloca o turismo sustentável como ecologicamente sustentável, de longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais. O define como aquele que atende às necessidades dos turistas atuais e das regiões receptoras e, ao mesmo tempo, protege e fomenta as oportunidades para o futuro. O desenvolvimento sustentável do turismo se concebe como um caminho para a gestão de todos os recursos de forma que possam satisfazer-se as necessidades econômicas, sociais e estéticas, respeitando ao mesmo tempo a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas que sustentam a vida (OMT, 2004).

Para o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (UNEP, 2005), turismo sustentável não representa uma forma especial de turismo. Em realidade, todas as formas de turismo deveriam ser sustentáveis e esse deveria, em tese, ser o compromisso central em planejamento.

Nestas alternativas busca-se, portanto, promover um turismo que tem como suporte a dinâmica local e o planejamento participativo, buscando oferecer subsídios para o desenvolvimento qualitativo das localidades. Segundo Dias (2008), o desenvolvimento sustentável do turismo está baseado em um equilíbrio harmônico entre três dimensões, sendo estas, a econômica, a sociocultural e a ambiental.

Silveira (2002) aborda esta questão, acrescenta, porém, que o turismo sustentável deve estar fundamentado nos princípios de sustentabilidade propostos por Ignacy Sachs. Sendo estes:

1. Sustentabilidade ecológica: o desenvolvimento turístico deve respeitar a “capacidade de suporte” dos ecossistemas, limitando o consumo dos recursos naturais, e provocar o mínimo de danos aos sistemas de sustentação da vida;

2. Sustentabilidade social: fundamentada no estabelecimento de um processo de desenvolvimento que conduza a um padrão estável de crescimento, com uma distribuição mais eqüitativa de renda, redução das atuais diferenças sociais e a garantia dos direitos de cidadania;

3. Sustentabilidade cultural: implica a necessidade de se buscar soluções de âmbito local, utilizando-se as potencialidades das culturas específicas, considerando a identidade cultural e o modo de vida local, assim como a participação da população local;

4. Sustentabilidade econômica: que assegure o crescimento econômico e, ao mesmo tempo, o manejo responsável dos recursos naturais;

5. Sustentabilidade espacial: baseia-se na distribuição geográfica mais equilibrada dos assentamentos turísticos para evitar a superconcentração de pessoas, de equipamentos e infraestrutura turística e, conseqüentemente, diminuir a destruição de ecossistemas frágeis e a deteriorização da qualidade da experiência do turista.

Krippendorf (2003) fala de um turismo cuja política não pode ser centrada exclusivamente no econômico, e sim estabelecida a partir de um equilíbrio, tanto ecológico quanto psicológico da comunidade. Todas as camadas da população devem ser beneficiadas, respeitando antes de tudo o meio ambiente e o ser humano. A participação local nestes processos é essencial, fundamentando-se no envolvimento real de todos os atores sociais. A referência local permite um desenvolvimento que beneficia a população local, preserva as relações de solidariedade, apresenta formas

ambientalmente sustentáveis, uma maior valorização do intercâmbio entre as culturas e uma conseqüente melhoria de vida dos moradores.

Irving (2002) coloca que as discussões realizadas no Brasil e no mundo sobre turismo e sustentabilidade passaram a abordar estas questões, colocando a importância do respeito à realidade local, considerando suas necessidades, aspirações e especificidades, assumindo o compromisso de desenvolvimento socioeconômico das comunidades receptoras, assim como a participação dos atores sociais em todas as etapas do processo de desenvolvimento. Compreendido dentro desta perspectiva de sustentabilidade humana e social, o turismo resulta na melhoria da qualidade de vida.

1.5 Pensando o desenvolvimento

1.5.1 Discussões a cerca do desenvolvimento e da sustentabilidade

As iniciativas visando a discussão dos processos de desenvolvimento e a busca das alternativas para um modelo em crise datam da segunda metade do século XX. Trata-se de uma construção social, com avanços e retrocessos. Para Morin (2000), a insuficiência do paradigma economicista, incapaz de responder às necessidades da maioria da população, leva-nos à busca por concepções alternativas para o desenvolvimento.

A partir do momento em que o paradigma econômico começou a ser questionado, a humanidade vem se dando conta do limite desta perspectiva, que não tem sido capaz de, sozinha, dar conta de alcançar o bem estar humano.

O Clube de Roma, fundado em 1968, surge com o intuito de abrir caminho para o debate de um vasto conjunto de assuntos relacionados à política, à economia internacional e, sobretudo, ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável, e em seu relatório “Limites do Crescimento”, publicado em 1972, tratava essencialmente de problemas cruciais para o futuro desenvolvimento da humanidade tais como: energia, poluição, saneamento, saúde, ambiente, tecnologia, dentre outros. Este teve repercussão internacional, principalmente, no direcionamento do debate que ocorreu, no mesmo ano,

na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, conhecida como Conferência de Estocolmo, um evento expressivo e de dimensão internacional.

Segundo Maciel (1998), este foi um marco para a Ecologia Social, subentendendo um movimento, uma prática em direção ao desenvolvimento da população, em nível local, de uma comunidade ou de uma cidade. De acordo com Mazzuoli (2004) a Declaração adotada pela Conferência de Estocolmo serviu como um paradigma e referencial ético para toda a comunidade internacional, no que tange à proteção internacional do meio ambiente como um direito humano fundamental de toda humanidade. Para o autor a importância dessa Conferência no cenário mundial pode ser claramente percebida ao se constatar que antes da Conferência de Estocolmo, o meio ambiente era tratado, em plano mundial, como algo dissociado da humanidade.

As discussões em torno de formas alternativas de desenvolvimento ganham amplitude em 1987, com o relatório “Nosso Futuro Comum”, organizado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente, onde o conceito de desenvolvimento durável ou sustentável é apresentado, sendo discutido aqui no item 1.5.2, que visa delinear as concepções alternativas de desenvolvimento.

No entanto, os parâmetros de um desenvolvimento sustentável ganham uma nova configuração a partir da década de 1990, com conferências como a Rio 92 e os encontros que a sucederam. A Rio-92 – Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, teve o propósito de discutir problemas urgentes referentes à proteção ambiental e ao desenvolvimento sócio-econômico, tendo como base as premissas de Estocolmo, alcançando resultados importantes diante as discussões do desenvolvimento sustentável, e dando origem a uma profusão das organizações não-governamental (ONG's) e proliferação dos atores. Uma série de convenções, acordos e protocolos foram firmados durante a Conferência, tais como a Carta da Terra, declaração de princípios sobre florestas, a Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento, a Agenda 21, assim como as convenções da Biodiversidade, da Desertificação e de Mudanças Climáticas.

O desenrolar destes encontros e conferências nos mostram a importância que a questão da sustentabilidade vem tomando atualmente, buscando alternativas de

desenvolvimento em consonância com o meio ambiente, a cultura, as tradições e os costumes. Tais eventos vêm propondo conceitos, diretrizes e ações.

Durante as três décadas que separam a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, de 1972, realizada em Estocolmo, e a Cúpula sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada em Johannesburgo, em 2002, o conceito de desenvolvimento sustentável foi refinado, levando a importantes avanços epistemológicos (SACHS, 2004).

Neste percurso de tempo, alguns conceitos influenciaram a construção de modelos de desenvolvimento que consideram a importância da cultura, do social e da ética. Quando falamos nestes novos paradigmas do desenvolvimento, tais como a sustentabilidade, a valorização da cultura, o espaço local, as relações sociais, a ética, a solidariedade e o meio ambiente, estamos falando de novos valores, de novas idéias e, porque não dizer, de novas crenças (MACIEL, 2006).

Para Maciel (2003) as alternativas propostas devem visar o humano e não apenas o econômico. Um desenvolvimento que busque crescimento econômico aliado à qualidade de vida, gerando, acima de tudo, benefícios sociais e culturais para a sociedade. Um desenvolvimento que seja mais democrático e participativo, respeitando as tradições, os costumes e as culturas locais, em contraposição a um modelo que visa à acumulação e a geração de riquezas, não importando que o resultado seja a geração simultânea de pobreza, exclusão social e desigualdades de todo o tipo.

Para Sachs (1986), o desafio consiste na redefinição das formas e usos do crescimento e não na desistência deste. Segundo o autor, os objetivos do desenvolvimento vão muito além do crescimento econômico, da mera multiplicação da riqueza material. O crescimento não é sinônimo de desenvolvimento se ele não amplia o número de empregos, se não atenua a pobreza e se não reduz as desigualdades. “O crescimento é uma condição necessária, mas de forma alguma suficiente, para se alcançar a meta de uma vida melhor, mais feliz e mais completa para todos” (SACHS, 2004, p. 13).

A concepção de desenvolvimento baseada apenas em indicadores econômicos é, portanto, questionada, e as dimensões social, política, cultural e ambiental passam a ser abordadas, uma vez que se faz necessário qualificar o desenvolvimento, diferenciando-o do simples crescimento econômico.

Para Sen (2000), o principal meio e o principal fim deste desenvolvimento é possibilitar a expansão da liberdade dos indivíduos, para que estes possam encontrar melhores condições de vida, podendo agir sobre os fatores que não estão em acordo com uma vida digna e de qualidade. Diante deste processo de expansão da liberdade, a população pode reivindicar melhores condições de vida e igualdade de oportunidades frente ao desenvolvimento, em um processo de integração social onde todos tornam-se mais participativos.

Sachs (2004) coloca que é necessário

[...] dar respostas aos problemas mais pungentes e às aspirações de cada comunidade, superar os gargalos que obstruem a utilização de recursos potenciais e ociosos e liberar as energias sociais e a imaginação. Para tanto, deve-se garantir a participação de todos os atores envolvidos no processo de desenvolvimento (SACHS, 2004, p. 61).

Estas concepções do desenvolvimento passam a perceber a importância da cultura, considerando as necessidades, as aspirações, os valores, especificidades e limites da população local. Trata-se do resgate às culturas locais, em um investimento em qualidade de vida, fundamentada em valores éticos.

1.5.2 Sobre caminhos de desenvolvimento

Diferentes concepções de desenvolvimento foram apontadas no decorrer dos eventos e discussões, constituindo modelos alternativos que possuem paradigmas diferentes do modelo vigente. Existem três propostas que possuem condições de responder mais adequadamente à busca deste desenvolvimento, onde as políticas que se propõem a atingi-lo buscam ser elaboradas não apenas para a população local, mas em uníssono com ela, sendo elas: o Ecodesenvolvimento, o Desenvolvimento Sustentável e o Desenvolvimento Endógeno (MACIEL, 1999).

A palavra Ecodesenvolvimento foi criada em 1972 pelo canadense Maurice Strong, durante a Conferência de Estocolmo, sendo a primeira concepção a questionar a forma tradicional de desenvolvimento, que tinha como foco o aspecto econômico. Sachs define esta alternativa de desenvolvimento como

um estilo de desenvolvimento que, em cada ecorregião, insiste sobre as soluções específicas a seus problemas particulares, levando em conta não só dados ecológicos, mas também culturais, necessidades imediatas, mas também a longo termo (SACHS, 1980, p. 49).

Para o autor, a realização do ecodesenvolvimento é, em grande parte, saber aproveitar os recursos potenciais do meio, promovendo a adequação ecologicamente prudente deste às necessidades do homem, sendo, portanto, uma das questões importantes para esta concepção, a valorização e o aproveitamento dos recursos e tecnologias próprios de cada região.

Outra concepção de desenvolvimento que tem como foco a questão ecológica é o Desenvolvimento Durável ou Sustentável, que teve sua maior divulgação com a publicação do relatório Nosso Futuro Comum, onde foi concebido como uma forma de desenvolvimento que “procure satisfazer as necessidades do presente sem com isso comprometer a satisfação das necessidades futuras” (Brundtland, 1991, p.46). Para Sachs (2004), o desenvolvimento sustentável “obedece a um duplo imperativo ético da solidariedade com as gerações presentes e futuras, e exige explicitação de critérios de sustentabilidade social e ambiental e de viabilidade econômica” (SACHS, 2004, p. 36).

As concepções acima referidas possuem muitos pontos comuns, fato que se deve a derivação de uma da outra, e estabelecido um enfoque diferente. Sua fonte original foi o Desenvolvimento Endógeno, onde autores como Cao Trí (1988) Phan Nhu Hô (1988) se destacaram. O Desenvolvimento Durável se inspirou, assim, no Ecodesenvolvimento, que por sua vez possui suas raízes no Desenvolvimento Endógeno (MACIEL, 2003). O presente trabalho, no entanto, abordará o turismo a partir dos preceitos do Desenvolvimento Endógeno ou Desenvolvimento Local.

O estudo não pretende, entretanto, discorrer sobre o histórico do Ecodesenvolvimento, Desenvolvimento Sustentável e Desenvolvimento Local, mas tão somente mostrar que em um percurso desde meados da década de 1950 até os nossos dias, a cultura, o social, o humano e a ética tornaram-se essenciais na busca por alternativas de desenvolvimento, em consonância com a busca de uma melhor qualidade de vida.

1.5.3 Desenvolvimento local e qualidade de vida

O desenvolvimento local é entendido como a vertente cultural do desenvolvimento, pois reconhece a importância dos aspectos culturais, sendo estes as necessidades, aspirações, recursos, conhecimentos, sabedoria e experiências locais, que são a base do caminho do desenvolvimento.

Essa proposta coloca não somente o problema dos meios de desenvolvimento na sua multidimensionalidade, como também, e sobretudo, o problema da finalidade do desenvolvimento (MACIEL, 1999). A compreensão de quais os fins e os meios no processo de desenvolvimento é central na formulação de políticas e planejamentos que busquem a qualidade de vida da população.

Perez e Carrillo (2000) definem o desenvolvimento local como um

[...] processo reativador da economia e dinamizador da sociedade local que mediante o aproveitamento dos recursos endógenos que existem em uma determinada zona ou espaço físico é capaz de estimular e fomentar o seu crescimento econômico, criar emprego, renda e riqueza e, sobretudo, melhorar a qualidade de vida e o bem-estar da comunidade local (PEREZ e CARRILLO, 2000, p. 48).

Segundo Cao Trí (1988), este desenvolvimento deve partir dos contextos reais das sociedades e das necessidades e aspirações desta, bem como considerar os recursos humanos, materiais, naturais e financeiros. Para o autor, a valorização cultural possibilita que os recursos e tradições se mantenham e sejam aproveitados.

Esta concepção do desenvolvimento é compreendida aqui, portanto, como um desenvolvimento cuja cultura é um dos elementos essenciais. O homem é o centro de todo o processo, contribuindo para o estabelecimento da dimensão ética. Significa um processo que possibilite o acesso à renda, ao emprego, aos cuidados com a saúde, à educação, ao lazer, a um meio ambiente equilibrado, como também à possibilidade de participação no planejamento e tomada de decisões da comunidade, incentivando a construção de laços de solidariedade que contribuam para a qualidade de vida (RIST, 1996).

Com o objetivo de mensurar a qualidade de vida e refletir a efetiva consequência do desenvolvimento na vida das pessoas a Organização das Nações Unidas (ONU) criou em 1990 o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que sintetiza quatro indicadores: expectativa de vida, taxa de alfabetização, anos de escolaridade e Produto Interno

Bruto/capita (PIB/capita). Contudo, as variáveis usadas pelo IDH para que se avalie o nível de desenvolvimento humano ainda não deixam perceber os níveis de qualidade de vida, por não incorporarem a dimensão ambiental, aspectos sociais e culturais.

O conceito de qualidade de vida, proposto pelo presente estudo, considera todos estes aspectos, o meio ambiente equilibrado, o acesso à renda, ao trabalho, ao lazer, à moradia, à alimentação, à saúde, à informação, ao conhecimento, assim como a participação dos atores no processo de desenvolvimento.

A participação, nestes processos, pode ser considerada item essencial, constituindo a garantia da diversidade de estilos de desenvolvimento, adaptados ao contexto próprio de cada sociedade, de cada comunidade (HÔ, 1988), em um projeto social enraizado e impregnado dos valores específicos desse meio. É através da participação que se alcançará um desenvolvimento mais adequado às realidades locais.

A população local deve ser a principal interessada pelo desenvolvimento, posto que é ela quem melhor conhece suas necessidades e aspirações, podendo assim apontar o melhor caminho para a busca de uma melhor qualidade de vida. É necessário confiança na capacidade e sabedoria desta população, na identificação de seus problemas e na tentativa de soluções originais, considerando seu ritmo, dinamismos e peculiaridades.

O desenvolvimento deve partir, deste modo, das próprias necessidades latentes das comunidades, na busca de alternativas que propiciem benfeitorias em todos os âmbitos -econômico, social, cultural, ambiental - e criar condições e oportunidades para que a população local participe efetivamente desse processo. Um projeto de desenvolvimento que se pautar na escuta destes atores sociais, sua cultura, tradição, dinâmica sociocultural, suas necessidades e aspirações, contribuindo para o estabelecimento da dimensão ética.

1.6 Turismo como alternativa de desenvolvimento local

O turismo, entendido como um fenômeno sociocultural, detém uma dinâmica que pode refletir o desenvolvimento local das comunidades, sendo agente de mudanças significativas. Os temas abordados nas seções acima procuraram mostrar a mudança de perspectiva da proposta de um desenvolvimento, que prima pelos fundamentos

econômicos, para a constituição de uma prática que esteja fundamentada na valorização dos aspectos sociais e culturais.

O desenvolvimento, objeto e fruto do turismo, acompanha a mesma perspectiva, ou seja, uma mudança de foco do econômico para o entendimento de um processo muito mais amplo que envolve questões ambientais, culturais e sociais.

Irving (1999), em sua abordagem do assunto, sustenta que é necessário construir um modelo endógeno de desenvolvimento turístico, capaz de ousar na inovação e de assimilar o compromisso de engajamento do ator social local, como ponto focal de sustentabilidade; o que requer o desenvolvimento de metodologias capazes de lidar com a subjetividade e não apenas centradas na racionalidade (IRVING, 1999).

Esta concepção de desenvolvimento passa a fazer parte das discussões dos pesquisadores e das decisões em políticas públicas de turismo a partir do final do século XX, percebendo-se, porém, que a incorporação desse discurso, apesar de ser evidente, na prática persiste sustentado na visão centralizada e paternalista de desenvolvimento. A questão que emerge neste contexto passa a ser qual modelo de turismo se almeja e que medidas de planejamento poderiam assegurar uma nova concepção baseada na valorização e na percepção do local, como ponto focal de novas iniciativas (IRVING, 2003).

A importância de uma referência local ganha amplitude nas discussões a respeito do turismo, tido como alternativa de desenvolvimento e sustentabilidade. Os aspectos apontados pelos estudiosos do desenvolvimento local passam a ser de extrema importância para que se atinja um desenvolvimento turístico focado, não só na experiência do turista, mas na qualidade de vida e no bem-estar da população local. Para tanto, todo e qualquer projeto deve levar em consideração as reais necessidades da população local, da saúde à educação, da geração de empregos ao fortalecimento da identidade cultural.

Uma alternativa apontada atualmente visando o desenvolvimento local é o turismo de base comunitária que, segundo a *World Widelife Fund for Nature*³ (WWF-Internacional), pode assim ser apresentado:

Turismo comunitário ou de base comunitária pode ser definido como aquele onde as sociedades locais possuem controle efetivo sobre seu desenvolvimento e gestão. E por meio do envolvimento participativo

³ Fundo Mundial para a Natureza

desde o início, projetos de turismo devem proporcionar a maior parte de seus benefícios para as comunidades locais (WWF, 2001, p.2).

O turismo de base comunitária é uma modalidade do turismo sustentável cujo foco principal é o bem-estar e a geração de benefícios para a população local do destino turístico. Sob este panorama, Irving (2009) coloca que esta forma de turismo, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, promovendo a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento. Esta concepção de turismo respeita as heranças culturais e tradições locais, podendo servir de veículo para revigorá-las e até mesmo resgatá-las.

O turismo de base comunitária representa, segundo a autora, a interpretação local do turismo frente às projeções de demandas e de cenários do grupo social do destino, tendo como pano de fundo a dinâmica do mundo globalizado, mas não as imposições da globalização. As iniciativas, caso não possuam motivação endógena e expressem o desejo dos grupos sociais locais, certamente não atenderão às demandas de desenvolvimento local e nem contribuirão para o protagonismo social, condição essencial para este tipo de turismo. O estabelecimento deste tipo de turismo tem, no grau de comprometimento da população local, a garantia de sua continuidade.

Esta percepção de turismo representa o encontro e a oportunidade de experiência compartilhada, onde o viajante e o anfitrião interagem em suas tradições, necessidades, desejos e expectativas, onde o encontro é um processo, uma descoberta, uma crítica e a reinvenção de uma nova realidade, na qual se materializa a relação local-global e se estabelece uma nova dinâmica de resgate de identidades e inovação (IRVING, 2009).

Entender as diversas experiências voltadas para o turismo de base comunitária é fundamental na cooperação com a difusão dessas práticas, tão importante para o desenvolvimento de comunidades que têm em seu patrimônio histórico, artístico, cultural e ambiental uma possibilidade real de melhorar as condições de vida de seus moradores. O turismo de base comunitária tem o objetivo de envolver a comunidade na implantação de projetos e ações de turismo que respeitem a realidade local, de modo que as vantagens trazidas pela chegada dos turistas nessas regiões sejam revertidas em benefícios concretos para os moradores.

Para Kripendorff (2003), o turismo deve, como qualquer outro segmento econômico, servir ao homem. Qualquer evolução, inclusive a do turismo, deve inclinar-se para o desenvolvimento do ser humano e não dos bens materiais. A expansão humana

deve ser prioridade absoluta. É preciso voltar ao ser humano, às virtudes humanas, às atitudes sociais e à ética frente à vida.

Luchiari (2000), ao analisar o processo de desenvolvimento frente ao fenômeno turístico, afirma que o turismo deve servir ao desenvolvimento do homem e não dos bens materiais. Segundo a autora

Uma relação positiva entre turismo e desenvolvimento passa, primeiramente, por uma nova formulação no planejamento turístico, que implique uma visão mais humana que mercadológica da atividade, bem como na atribuição de novos papéis à população local. Além de servir à adequação e competitividade das localidades turísticas, o planejamento deve conceber uma política de inclusão da população no desenvolvimento turístico, especialmente em áreas mais sensíveis aos impactos negativos da atividade (Luchiari, 2000, p.138).

Alternativas traçadas em acordo com as estratégias e fundamentações apresentadas pelos estudiosos do desenvolvimento local, turismo sustentável, turismo de base comunitária, dentre outros, resultam em uma alternativa de desenvolvimento que a Ecologia Social propõe, e na qual se baseou o desenvolvimento deste trabalho. Tais alternativas consideram a realidade e o ritmo local, as tradições, necessidades e aspirações, tendo a participação local e o diálogo contínuo como elementos fundamentais, em um processo de transformação que mobilize a população em questão.

O processo de planejamento turístico deve, portanto, visar adequação com as especificidades do local, respeitar seu tempo de resposta e considerar as demandas e expectativas não só dos turistas, mas também das comunidades locais. Os autores analisados nos mostram que a busca por metodologias participativas mediante o desenvolvimento do turismo pode ser uma alternativa, conferindo um maior acesso das populações locais aos benefícios gerados; benefícios estes não só econômicos, tais como trabalho e renda, como também sociais e culturais, como melhorias em sua qualidade de vida, bem estar social e inclusão, possibilitando uma transformação social.

O turismo pode representar, a partir desse caminho, um fator de desenvolvimento local, proporcionando a inclusão social, a redução das desigualdades, o crescimento econômico, a preservação ambiental, histórico e cultural e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida da população local.

2 OS CAMINHOS DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 A pesquisa

O presente estudo fez uso de uma abordagem qualitativa, tendo em vista que esta, assim como o trabalho aqui proposto, trabalha com um conjunto de fenômenos humanos que constituem parte da realidade social. Este conjunto é compreendido pelo universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Busca a descoberta dos códigos sociais dos informantes a partir de falas, símbolos e observações (MINAYO, 2009).

A partir do momento que propiciou destaque aos relatos dos sujeitos, esta metodologia possibilitou a obtenção de uma forma mais aprofundada do objetivo traçado neste estudo, sendo este interdisciplinar, gerando um intercâmbio de conhecimentos de diferentes áreas e uma visão abrangente da questão estudada. O trabalho foi desenvolvido com base em um Estudo de Caso, por se tratar de uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo no contexto da vida real. Segundo Triviños (1990), esta abordagem metodológica fornece o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada, onde os resultados atingidos podem permitir e formular hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas.

Para Minayo (2008), o Estudo de Caso “assemelha-se a focalização sobre um experimento que se busca compreender por meio de entrevistas, observações, uso de banco de dados e documentos” (MINAYO, 2008, p.164), sendo útil na formação de conhecimento acerca de características significativas de eventos vivenciados, evidenciando, por exemplo, o rumo de um processo em curso e maneiras de interpretá-lo. Esta abordagem, desenvolvida em três etapas, foi empregada, por consequência, para a verificação das mudanças socioculturais ocorridas com o incremento do turismo, no Arraial de Conceição do Ibitipoca.

2.1.1 Fases da pesquisa

2.1.1.1 Pesquisa documental e bibliográfica

A primeira etapa da pesquisa consistiu em um levantamento bibliográfico para a compreensão de conceitos tais como turismo, mudanças socioculturais, desenvolvimento, qualidade de vida, assim como um levantamento sobre as discussões atuais a respeito do tema proposto. Um levantamento documental foi realizado junto a Prefeitura Municipal de Lima Duarte, Secretaria de Turismo, Cultura e Meio Ambiente, AMAI (Associação dos Moradores do Arraial de Conceição do Ibitipoca) e IEF (Instituto Estadual de Florestas), com o intuito de buscar informações sobre o Arraial de Conceição do Ibitipoca, permitindo assim um maior entendimento do contexto.

A pesquisa bibliográfica surgiu da necessidade do levantamento de referenciais teóricos que auxiliassem na seleção e definições de conceitos, e de enfoques que contribuíssem com o problema investigado. Esta fase apoiou-se em Vasconcelos (2002) que entende a utilização de fontes bibliográficas como possibilidade de cobertura ampla de fenômenos semelhantes, permitindo uma comparação dos dados e resultados, que ampliam as perspectivas de análise.

A pesquisa documental e bibliográfica teve a duração de 12 meses, na busca de informações que melhor contextualizassem o Estudo de Caso e a base conceitual necessária para a sua análise.

2.1.1.2 Trabalho de Campo

A segunda etapa da pesquisa consistiu no trabalho de campo. Para o levantamento dos dados de campo foram utilizadas entrevistas e observação. Segundo Becker (1997), estes dois instrumentos são os mais utilizados na investigação de Estudos de Casos.

a) As entrevistas e os sujeitos da pesquisa;

O uso das entrevistas é uma das estratégias mais usadas no trabalho de campo, possuindo como objetivo a coleta de informações sobre determinado tema científico (MINAYO, 2009). Minayo (2009) considera as entrevistas como “conversas com finalidade”, que visa construir informações pertinentes com o objeto de pesquisa. O recurso das entrevistas foi considerado no presente estudo, principalmente por permitir que eu aborde o tema segundo a ótica dos moradores locais do Arraial de Conceição do Ibitipoca, fornecendo dados subjetivos que não poderiam ser obtidos sem o auxílio desta.

Foram utilizadas entrevistas do tipo semi-estruturadas, combinando perguntas abertas e fechadas, permitindo aos entrevistados discorrer mais amplamente sobre o tema em questão, sem que se ativessem à indagação formulada (MINAYO, 2009). Embora um roteiro de perguntas tenha sido elaborado, as entrevistas ocorreram de maneira a permitir uma aproximação maior entre o entrevistador e o entrevistado, fazendo com que relatos mais livres pudessem ser expressos a respeito das perguntas previstas pelo roteiro. As questões formuladas servirão de direção para a compreensão do problema de pesquisa.

Esta concepção de entrevista permitiu que fossem inseridas novas questões consideradas relevantes para a investigação, assim como também permitiu ao entrevistado relatar questões não previamente planejadas, tornando possível, assim, um maior detalhamento sobre o tema abordado.

A pesquisa passou por uma fase exploratória no período de 02 a 06 de abril de 2010, quando a intenção era identificar problemas relacionados com a maneira de conduzir a entrevista, a compreensão por parte dos entrevistados, tempo de aplicação e a funcionalidade do roteiro. Foram necessários pequenos ajustes e eliminação de algumas perguntas, devido a não compreensão de determinados conceitos pelo entrevistado, o que não comprometeu a obtenção posterior dos dados. O roteiro final foi composto por 12 questões: 3 referentes às mudanças, 5 referentes ao turismo, 2 referentes ao desenvolvimento e 3 referentes à qualidade de vida (Apêndice A).

Os sujeitos foram selecionados de acordo com o tempo em que vivem no Arraial de Conceição do Ibitipoca, sendo entrevistados os moradores mais antigos, ou seja, moradores que estejam no local há um tempo anterior ao ano de 1990 – ano em que o desenvolvimento do turismo tornou-se mais intenso na região. Tal escolha enfatiza o fato de os sujeitos da pesquisa terem vivenciado o processo gradativo de

desenvolvimento do turismo. Foi utilizada a história oral, partindo da versão dos sujeitos para análise dos fatos. Os depoimentos apresentados nesse trabalho permitem estabelecer um eixo principal de reflexão em torno das mudanças socioculturais ocorridas com o desenvolvimento do turismo e de sua relação com a qualidade de vida no local.

A seleção dos moradores para as entrevistas envolveu a técnica “bola de neve”, como sugerido por Lincoln & Guba (1985 *apud* ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 163), que consiste em identificar uns poucos sujeitos e pedir-lhes que indiquem outros, os quais, por sua vez, indicarão outros e assim sucessivamente, até que se atinja o ponto de redundância. A conformação do grupo dos sujeitos e dos informantes, no entanto, foi estabelecida ao longo do trabalho de campo. Os sujeitos iniciais, após terem sido entrevistados, identificaram outros participantes que pertenciam ao mesmo grupo alvo.

A primeira entrevistada foi escolhida com base no conhecimento da pesquisadora, cujo contato inicial foi feito em março de 2008, para desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso da Pós-graduação em Gestão Ambiental em Problemas Urbanos.

O universo de estudo foi composto por 6 sujeitos, além dos quais também foram realizadas entrevistas com interlocutores institucionais que possuíam relação direta com o Arraial e o turismo. As instituições selecionadas foram: Secretaria de Turismo da cidade de Lima Duarte, município à qual pertence a administração do distrito do Arraial de Conceição do Ibitipoca e AMAI. As entrevistas foram realizadas como meio para uma melhor exploração do campo e compreensão do tema estudado, sendo estas conversas informais que não seguiram nenhum roteiro e não serviram como fonte para análise de dados, somente para compreensão do campo.

É importante destacar que a pesquisa demandou o consentimento livre e esclarecido dos entrevistados, a partir da explicação sobre sua natureza, objetivos, métodos e retornos previstos. As entrevistas foram realizadas na casa dos entrevistados e nas instituições de que fazem parte. Na fase exploratória, houve certo receio por parte dos entrevistados em responderem às perguntas, o que se solucionou após o conhecimento de que foram indicados por moradores que também foram entrevistados, o que os deixou mais receptivos e à vontade, receptividade esta que, ao final do trabalho

de campo, pode ser considerada excelente. No entanto, foram utilizados pseudônimos para identificar os sujeitos entrevistados.

As entrevistas foram realizadas no período de 20 a 29 de outubro e no período de 08 a 12 de dezembro. Imediatamente após a aplicação das entrevistas, as informações extras obtidas foram revisadas e organizadas, o que evitou perdas, facilitou etapas de análise e possibilitou o enriquecimento do trabalho. Na tentativa de assegurar os registros em toda sua integridade, utilizou-se a gravação das conversas, com a transcrição na íntegra posteriormente

b) A observação;

A entrevista, quando analisada, “precisa incorporar o contexto de sua produção e, sempre que possível, ser acompanhada e complementada por informações provenientes de observação participante” (MINAYO, 2009, p. 66), técnica também utilizada no trabalho de campo aqui proposto, o que proporcionou uma melhor interação com os atores sociais em questão e forneceu condições para uma melhor compreensão do processo de significação destes, com relação às mudanças socioculturais ocorridas com o desenvolvimento do turismo.

Segundo Becker (1997), o pesquisador que se utiliza desta técnica tem a oportunidade de observar as pessoas em estudo, a fim de examinar as situações com que se deparam e como se comportam diante delas, entabulando conversação com participantes para que as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos sejam esclarecidas. Nesta etapa

o observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa (MINAYO, 2009, p.70).

A dinâmica dos moradores locais, questões referentes ao desenvolvimento do turismo na localidade, as características próprias da localidade e a visão acerca das mudanças ocorridas como o incremento do turismo foram o alvo de observação na aplicação desta técnica. Para registrar as observações e possíveis reflexões a respeito do estudo, um diário de campo foi utilizado, sendo os dados anotados usados na complementação das informações obtidas.

O trabalho de observação participante foi realizado através do contato com pessoas da localidade, dentre estes, ambientes comerciais – lojas de souvenirs, restaurantes, padaria -, igreja, Associação dos Moradores, assim como da vivência no local. A utilização da técnica de observação participante possibilitou uma aproximação da realidade estudada e, desse modo, a melhor compreensão do objeto de estudo.

2.1.1.3. Análise dos dados da Pesquisa

A terceira etapa, que teve como intuito a sistematização e análise dos dados, possibilitou a finalização deste trabalho, ancorada em todo o material que coletado e articulado com a pesquisa e análise de conteúdo. A análise de conteúdos foi composta de um conjunto de técnicas para análise das comunicações, que pode ser aplicada a um amplo campo de investigação que utiliza a comunicação. Bardin (1979) a define como

conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos as condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p.42).

A escolha desta técnica aconteceu pelo fato de esta permitir a apreensão dos conhecimentos a partir dos relatos dos entrevistados. Bardin (1979) considera a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas, pois acredita que há várias maneiras de se analisar conteúdos de materiais de pesquisa. Devido ao tipo de trabalho proposto, a modalidade aqui selecionada foi a análise temática. Para esta modalidade o conceito central é o tema, podendo este ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo (MINAYO, 2009). Para Bardin (1979), “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1979, p. 105). Buscou-se, desta forma, a interpretação das informações através de textos, palavras ou frases, levando-se em consideração a real intenção de significado do entrevistado.

O procedimento metodológico proposto por Minayo (2008,2009) foi utilizado para esta análise: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Segundo Minayo (2008), a pré-análise consiste na escolha dos documentos a serem analisados, na retomada dos objetivos iniciais da pesquisa e na leitura compreensiva do conjunto do material selecionado. Nesta fase realizou-se, portanto, uma leitura minuciosa do material e ordenação temática de trechos das entrevistas e dos dados de observação realizada durante a pesquisa de campo, determinando como forma de classificação as mudanças socioculturais citadas pelos moradores.

A exploração do material aconteceu na sequência, fase na qual foram selecionados trechos e frases da pesquisa e posteriormente agrupados no esquema de classificação inicial, permitindo uma leitura ampla e coesa sobre os principais temas levantados pelos entrevistados. Foram definidos os seguintes temas de análise, a partir do roteiro de entrevistas: a) mudanças socioculturais sob a ótica da população local – o encontro, patrimônio histórico-cultural, infraestrutura, geração de emprego e renda, droga, crescimento populacional; b) turismo, desenvolvimento e qualidade de vida: por uma abordagem local.

As partes dos textos de análise foram agrupadas por temas encontrados, e em seguida uma redação foi elaborada por tema, de modo a dar conta dos sentidos do texto e de sua articulação com os conceitos teóricos que orientaram a análise, entremeando partes dos textos de análise com as conclusões obtidas, dados de outros estudos e conceitos teóricos.

O tratamento dos dados na análise de conteúdo foi realizado, portanto, através da reunião dos dados de acordo com um significado comum e em torno de categorias de análise. As categorias permitiram a classificação dos elementos significativos da mensagem. Segundo Bardin (1979):

A técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir uma certa ordem na confusão inicial. É evidente que tudo depende, no momento da escolha dos critérios de classificação, daquilo que se procura ou que se espera encontrar (Bardin, 1979, p. 37).

Na última etapa ou etapa de tratamento dos resultados, foi elaborada uma síntese interpretativa, através de uma redação que buscou dialogar os temas abordados com os objetivos e questões da pesquisa, no sentido de contextualizar as informações obtidas (MINAYO, 2009). Esta técnica permitiu, portanto, que através dos dados coletados e do referencial teórico adotado, fosse analisado em que medida as mudanças socioculturais

ocorridas na localidade, após a intensificação do turismo no local, resultaram em uma melhor qualidade de vida.

2.1.1.4.O feedback

Como finalização do trabalho, mas acreditando ser este um processo aberto, propõe-se levar os resultado do estudo ao conhecimento dos sujeitos da pesquisa, priorizando um feedback, uma troca constante com os sujeitos da pesquisa. Brandon (2002, p. 235) considera que “o conhecimento e as opiniões obtidas durante a etapa de coleta de dados precisam ser apresentados e discutidos com a comunidade, juntamente com outros dados relevantes”. Para Becker (1997), este retorno para a comunidade é um compromisso ético do pesquisador e, no reconhecimento da importância deste compromisso, é proposta, neste trabalho, a realização de um encontro para a apresentação dos resultados prévios da pesquisa à população local. Embora o mencionado encontro ainda não tenha ocorrido por questões técnicas, um compromisso foi assumido com os sujeitos entrevistados e com o presidente da AMAI, que colocou a sede da associação à disposição para tal finalidade. É importante esclarecer que a estratégia adotada pelo estudo não teve a intenção de intervir na realidade local, mas a de enriquecer e ser útil para futuros trabalhos e planejamentos.

3 O ARRAIAL DE CONCEIÇÃO DO IBITIPOCA: UM ESTUDO DE CASO

3.1 O parque

3.1.1 Aspectos geográficos

O Parque Estadual de Ibitipoca (PEI) foi criado em 04 de julho de 1973, pelo decreto-lei estadual nº 6.126, possuindo uma área de 1488 hectares⁴ na parte alta da Serra do Ibitipoca, em altitudes que variam de 1050 a 1784 metros. O parque está situado no sudeste do Estado de Minas Gerais, entre os municípios de Lima Duarte e Santa Rita do Ibitipoca, a 21°40'–21°44'S e 43°52'–43°55'W.

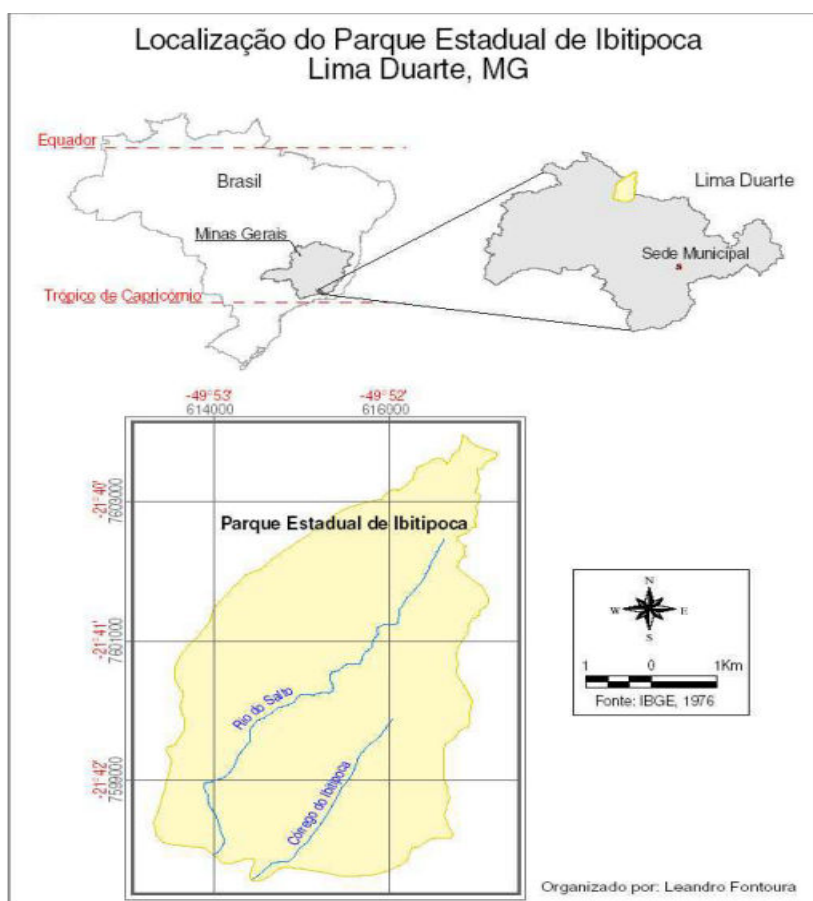


Figura 1: Localização do Parque Estadual de Ibitipoca
Fonte: SIMIQUELI, 2008.

⁴ Unidade de área equivalente a 10.000 metros quadrados.

O Parque é uma unidade de conservação⁵ sob a guarda e administração do Instituto Estadual de Florestas (IEF), desde o ano de 1965, cuja infraestrutura básica compreende portaria, estacionamento, área de camping, restaurante, lanchonete, banheiros, Centro de Visitantes, de Administração e de Pesquisas, casa de hóspedes e alojamentos destinados a pesquisadores e funcionários.

A Serra do Ibitipoca apresenta solos predominantemente quartzítico, os quais não favorecem o plantio, contudo constituído por elevações e vales, com belas paisagens e formações rochosas. De acordo com Rodela (2000), a influência do relevo sobre o clima de Ibitipoca é muito importante, sendo a área, segundo a autora, composta por microclimas que são diversificados devido à grande quantidade de paredões, vales em garganta, grutas, pontes naturais, pequenos adensamentos arbustivos, ao longo dos cursos de água ou em concavidades do relevo, da variação das declividades, bem como pela variedade de adensamentos de vegetação. O clima do local é classificado como mesotérmico, com inverno frio e seco e chuvas elevadas no verão.

A temperatura média anual situa-se na faixa dos 18° a 20° C, sendo que as temperaturas médias nos meses mais frios variam de 6° a 8°C, sendo a mínima absoluta de -4°C. Além do relevo a altitude é outro fator que determina as baixas temperaturas ocorrentes, que é da ordem de 1250 metros no Arraial de Conceição do Ibitipoca e varia de 1050 a 1784 metros na área do Parque Estadual de Ibitipoca. Costuma ocorrer geada na região de Conceição do Ibitipoca.

Sua biodiversidade também é destaque, cuja fauna e flora diversificadas possuem espécies em extinção, podendo-se citar dentre elas seis espécies de orquídeas registradas na Lista de espécies ameaçadas do Estado de Minas Gerais. Segundo Drummond (2005), a serra figura entre as áreas prioritárias para a conservação da flora no Estado de Minas Gerais, citada na categoria de importância biológica especial, o nível mais alto adotado. O Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2000) avaliou Ibitipoca como área prioritária para a conservação principalmente de mamíferos, anfíbios, répteis e da flora.

⁵ A unidade de conservação é definida pelo Sistema Nacional de Unidade de Conservação da Natureza (SNUC) como o espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo poder público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

3.1.2 Aspectos gerais

O Parque Estadual de Ibitipoca é o parque mais visitado do estado de Minas Gerais e um dos mais conhecidos do Brasil (IEF, 2010). Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente (2004), o parque é a sétima unidade de conservação estadual mais visitada no Brasil, com fluxo aproximado de 35 mil visitantes por ano.

Marcos da paisagem natural do parque, como os acidentes geográficos Paredão de Santo Antônio, o Morro do Cruzeiro e o Pico do Pião possuem significado de “altar natural”, e foram lugares de devoção para a população local, onde esta se reunia tradicionalmente em suas práticas religiosas. A Serra Grande – nome pelo qual os moradores mais antigos da região denominam o território que atualmente constitui o PEI – possuía para os moradores da região uma simbologia própria, lugar de apresentações lúdico-religiosas, “altar natural” para procissões, reza de terços, rituais sagrados e devoções populares (Anexo A).

A cruz do Morro do Cruzeiro erguida em 1943 e presente no local até os dias atuais, juntamente com as ruínas da Capela de Nossa Senhora do Bom Jesus – localizada no Pico do Pião, comprovam os usos da área. Mais que belezas naturais, o Parque Estadual do Ibitipoca é, portanto, um sítio histórico de relevado potencial para pesquisadores e turistas.

Segundo a concepção popular, a Serra Grande pertencia a Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca. Ainda hoje os terrenos dos arraiais do entorno pertencem à Igreja. Os moradores de Conceição do Ibitipoca não têm escritura dos terrenos ou registro dos imóveis, e atualmente os próprios moradores ligados à igreja são quem definem a forma de distribuição dos terrenos. Esta situação possui uma explicação histórica, de acordo com a tradição local: em 1836, a porção de terra do Arraial de Conceição do Ibitipoca foi doada a Nossa Senhora pelos índios que habitavam a região, motivo pelo qual a população fazia uso comunitário da chamada Serra Grande. Inexistia, nos usos deste território, o princípio da propriedade privada, sendo o mesmo entendido como extensão das áreas de pastagens dos pequenos sítiantes da região, os quais recebiam o consentimento da “santa” para explorarem suas terras. Em troca, as pessoas deveriam resguardar devoção à Virgem, fazendo penitências e promessas, bem como permitindo que o gado de outros camponeses também pastassem na área.

A partir da criação do Parque Estadual do Ibitipoca, estas práticas deixaram de ser adotadas e dissolvia-se a garantia de acesso comunal àquelas terras. O morador local possuía uma concepção própria do uso da Serra Grande, uma concepção distinta da instituída pela criação do parque. O local do plantio, da pecuária e de devoção tornou-se uma área de proteção ambiental, cujas formas de uso anteriores não são mais permitidas.

Na década de 1950 houve a primeira iniciativa de criação do parque, quando uma comissão de políticos de Lima Duarte foi ao Palácio da Liberdade expor os problemas relacionados às terras devolutas de Ibitipoca, tendo em vista o seu uso por pequenos fazendeiros da região. Juscelino Kubitschek – governador de Minas Gerais na época, nomeou, em 1952, um tutor para as terras devolutas de Ibitipoca. O tutor seria encarregado de fiscalizar certas práticas de manejo que a população local tinha das pastagens extensivas em Serra Grande, até então uma área de uso comum. Observa-se, então, que os primeiros conflitos entre o estado e os camponeses pelo direito de uso das terras devolutas da Serra de Ibitipoca se constituem a partir da década de 1950, sendo, portanto, anteriores à criação oficial do Parque.

Em 05 de janeiro de 1962, pela Lei nº 2606, era criado o Instituto Estadual de Florestas (IEF), uma autarquia vinculada à Secretaria de Agricultura de Minas Gerais. Desde então, tornou-se atribuição do IEF a gestão de Parques sob o domínio do estado mineiro, a partir do que abriram-se as perspectivas de criação de novos Parques Estaduais.

O aparente desinteresse do Palácio da Liberdade pelas terras devolutas da Serra de Ibitipoca só seria transformado, entretanto, a partir do governo de José Magalhães Pinto (1961-1966). Advogado, economista e banqueiro, ele visualizou perspectivas econômicas com o desenvolvimento do turismo em Minas Gerais.

Em meados de 1964, o governador encomendou um relatório a uma comissão de 18 cientistas⁶, cujo objetivo era definir um uso para a área – agricultura, pecuária ou turismo. Com inspiração na experiência do uso público de dois Parques Nacionais – Itatiaia e Serra dos Órgãos – a comissão recomendou a criação do Parque em Ibitipoca, e ainda, sugeriu a subsequente venda de uma parcela das terras devolutas da Serra, com

⁶ CATÃO et al, G. D. V.. Serra de Ibitipoca – Município de Lima Duarte. (Relatório da Comissão de cientistas, presidida por Guaracy Catão, encaminhado ao então governador de Minas Gerais José de Magalhães Pinto, cujo objetivo era definir um uso para as terras devolutas da Serra de Ibitipoca). Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Agricultura, 1964. 5p. (Relatório).

a finalidade de levantar recursos econômicos para fomentar a construção de infraestrutura turística no futuro Parque Florestal. O documento dizia o seguinte: “... chegamos à conclusão de que o melhor destino que o Estado pode dar àqueles terrenos será o de instalar ali um parque florestal, à semelhança do da serra dos Órgãos e do Itatiaia” (CATÃO et al, 1964, p.4).

No ano seguinte ao relatório de 1964, em dezembro de 1965, era lavrada a escritura pública de incorporação das terras devolutas de Ibitipoca, enquanto bem imóvel de patrimônio do IEF. Oito anos após a incorporação das terras ao patrimônio do IEF, o Parque Estadual de Ibitipoca era criado oficialmente pelo decreto-lei nº 6126 de 04 de julho de 1973, assinado pelo governador Rondon Pacheco. A Serra Grande é conhecida, agora, como Parque Estadual de Ibitipoca; uma área de preservação ambiental destinada à conservação dos recursos naturais.

Segundo Bedim (2008), a análise sobre o processo de criação e implementação do PEI encerra em um complexo jogo de forças, na fronteira abstrata entre o que é legal e o que é justo. Em termos “legais”, o parque possui sua situação fundiária regularizada, uma vez que os moradores locais que compartilhavam o uso daquela área não possuíam registro legal de propriedade, sendo, portanto, consideradas devolutas pelo Estado. Entretanto, não é intenção do presente trabalho discutir esta questão, e sim apresentar o Parque Estadual do Ibitipoca em sua relação com o Arraial de Conceição do Ibitipoca, para que se tenha uma melhor compreensão do contexto.

Com a criação do PEI, a frequência de visitantes ao distrito do Arraial de Conceição do Ibitipoca tomou impulso, por que este possui todas as características que um turista, em busca de contato com a natureza, espera encontrar: cachoeiras, uma extensa área verde, grutas, biodiversidade, tranquilidade e uma estrutura apta a recebê-lo. Tais características e toda especificidade histórica de seu entorno reforçam a caracterização do Arraial de Conceição do Ibitipoca como um atrativo turístico de relevado destaque.

O parque esteve fechado à visitação pública entre 1984 e 1987, quando foram implementadas obras de infraestrutura e equipamentos turísticos, depois das quais, quando da inauguração no parque dos equipamentos e instalações para receber os visitantes, ocorre a intensificação do turismo na região e o parque passa a receber um considerável número de pessoas, principalmente nos fins de semana, feriados e férias.

A dinâmica do fluxo turístico no PEI pode ser observada, sabendo-se que no ano de 1988 o parque recebeu 7632 visitantes, chegando a 39791 em 1995. No ano de 2002, o número de visitantes atingiu o marco de 51840, maior valor registrado até os dias atuais. Em épocas como reveillon, carnaval, semana santa e férias de julho, o parque assiste a uma concentração de turistas, sendo que em 2009 ele recebeu nos meses referentes a estas datas, sucessivamente 4446, 4282, 4573 e 5240 visitantes (IEF, 2010), totalizando 49163 visitantes no ano. É necessário destacar que estes números referem-se ao total de visitantes pagantes registrados pela portaria do PEI, podendo o número de turistas que ficam no Arraial ultrapassar estes valores, uma vez que o Parque possui um limite diário de 300 pessoas de segunda à sexta-feira e 800 pessoas aos sábados, domingos e feriados.

Ano	Visitantes	Campistas	Total
1988	4344	3288	7632
1989	5500	4594	10094
1990	7350	4975	12325
1991	7458	4424	11882
1992	7802	3973	11776
1993	15452	2187	17639
1994	16583	0	16583
1995	2998	36793	39791

Quadro 2: Frequência de visitantes no Parque Estadual de Ibitipoca Período: 1988-1995
Fonte: IEF, 1996

Sistema de Gestão do Parque Estadual de Ibitipoca

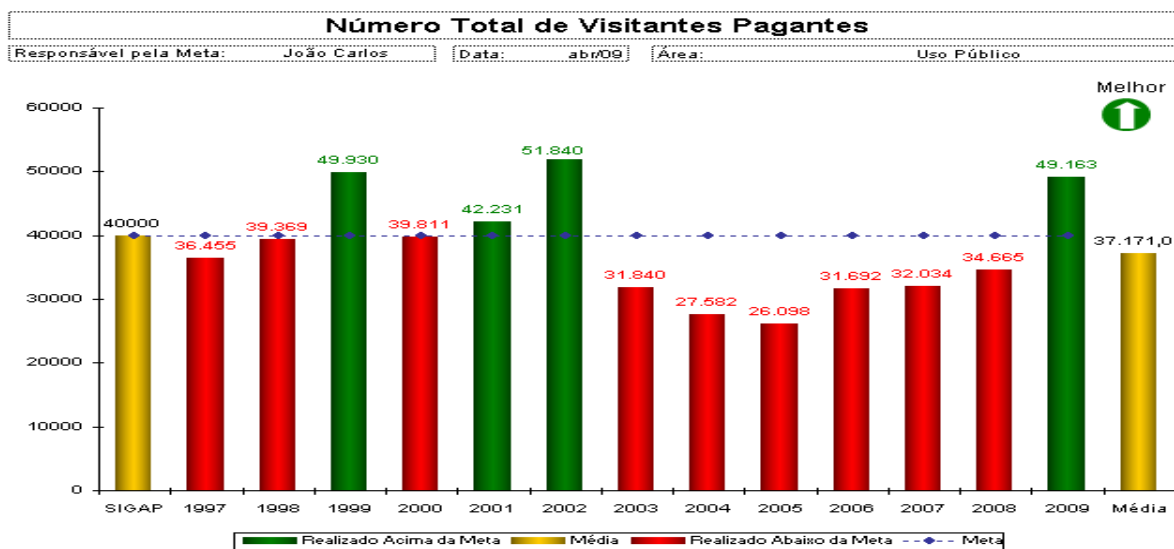


Gráfico 1: Frequência de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca/Período: 1997-2009

Fonte: IEF, 2010

Sistema de Gestão do Parque Estadual de Ibitipoca

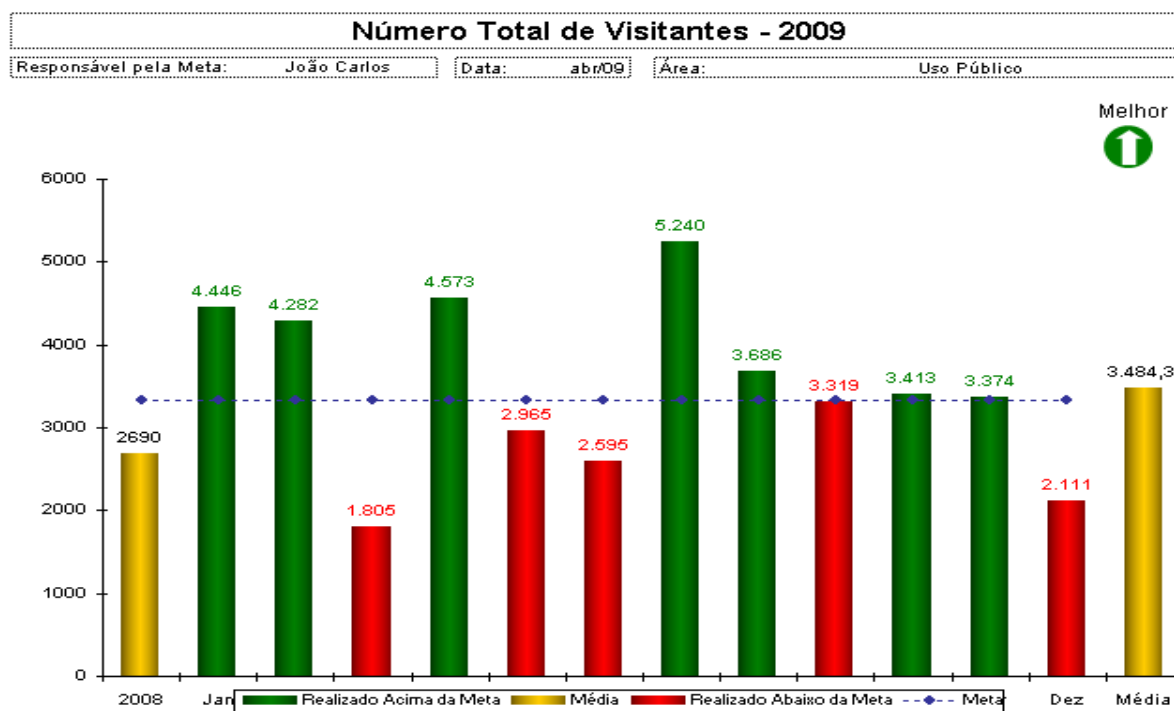


Gráfico 2: Média mensal de visitação do Parque Estadual de Ibitipoca no ano de 2009.

Fonte: IEF, 2010.

A presença deste fluxo de pessoas parece resultar em mudanças significativas para a população que vive no entorno do Parque, principalmente no Arraial de Conceição do Ibitipoca, localidade que serve como base para, na grande maioria das

vezes, que os turistas se alimentem, hospedem e tenham suas necessidades mais urgentes atendidas.

3.2. Uma viagem ao Arraial

O prefeito de Lima Duarte, Liandyr de Paula Guimarães acaba de manter contato com a Empresa Brasileira de Turismo, a fim de pedir o apoio do Governo Federal ao plano de desenvolvimento turístico da Serra de Ibitipoca (...). Em Ibitipoca está a mais forte esperança de desenvolvimento da região. E o turismo substituindo as velhas fontes de riqueza que já estão cansadas (O GLOBO, 1973, p.04).

3.2.1 Aspectos Geográficos

O Arraial de Conceição do Ibitipoca, distrito de Lima Duarte, Minas Gerais, localiza-se na Zona da Mata Mineira, integrando uma das grandes belezas da Serra da Mantiqueira, há 1250m de altitude, a uma distância de 3 km do Parque Estadual do Ibitipoca.

O Arraial se encontra próximo de centros urbanos como Juiz de Fora, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo e o acesso se faz, predominantemente, através de Lima Duarte, em estreita via sobe a encosta sudoeste da Serra de Ibitipoca e extensão de 27 km até o Arraial. Em épocas de muitas chuvas, parte do acesso ao Arraial, ainda de terra, ainda é precário. O clima é semelhante ao do Parque.

Principais Capitais - Parque Estadual do Ibitipoca

Distâncias aproximadas de Ibitipoca :

Lima Duarte - MG	27 km
Juiz de Fora	80 km
Rio de Janeiro	270 km
Belo Horizonte	360 km
São Paulo	470 km
Vitória	610 km
Brasília	1070 km



Figura 2: Mapa- Distância do Arraial de Conceição do Ibitipoca das principais capitais da região sudeste.

Fonte: www.ibitipoca.tur.br

3.2.2 Aspectos Históricos

O nome Ibitipoca, na língua tupi-guarani, significa “casa de pedra” – Ibi (pedra) e Oca (casa), devido ao grande número de grutas e paredões que existem no PEIB. A região foi descoberta pelos bandeirantes no século XVII e a primeira referência de Ibitipoca na história ocorreu na Bandeira do capelão Padre João de Faria Fialho, vigário de Taubaté, em 1692.

O roteiro das minas descobertas pelo padre, que foi também um dos pioneiros do descobrimento de Ouro Preto, inclui um “monte de Ibitipoca” e aponta indícios de metais preciosos na área atravessada (DELGADO, 1962, p.21). O Arraial de Conceição do Ibitipoca compreende um dos povoados mais antigos de Minas Gerais.

A descoberta do ouro na região rapidamente atraiu muitos colonizadores, que, em grande número, vieram dos centros como Rio de Janeiro, São Paulo e Portugal, e anteriormente a região de Ibitipoca era habitada por povos indígenas que ali faziam seu território de vida, desde o período pré-colonial. Ao descrever os principais povos

“selvagens” que habitavam territórios das Minas Gerais, Senna (1937) faz referência à existência da tribo dos índios Aracis⁷ na Serra de Ibitipoca, desaparecidos desde o século XVIII.

Neste mesmo século, a região atingia mais de cinco mil moradores em decorrência da procura pelo ouro, sendo que, contudo, o apogeu do ouro foi breve, estafando-se em três ou quatro décadas as principais reservas auríferas. As reservas, na realidade, não se esgotaram absolutamente, uma vez que Silveira (1923) registrava em 1912 garimpeiros batendo ouro no Ribeirão do Salto, em Ibitipoca. Em meados do século XVIII, a escassez e as dificuldades encontradas na mineração resultaram em uma equação econômica desfavorável aos mineradores, em que o lucro obtido com o ouro não compensava o custo de sua extração. Diante de tais circunstâncias, a maioria do contingente minerador de Ibitipoca possivelmente se deslocou para outras regiões (www.ibitipoca.tur.br).

O fim do ciclo do ouro determinou o começo de um longo período de estagnação econômica para Ibitipoca, que viu sua população cair consideravelmente. O distrito começou a viver da agricultura, uma atividade pouco rentável devido à má qualidade do solo para o plantio. De acordo com Muls (1990), em certas regiões mineradoras, a queda na produção aurífera ocasionava, inicialmente, a desorganização da economia local, provocando o “isolamento” e a “estagnação” de determinadas áreas. Porém, a aparente inércia econômica teria se dado apenas temporariamente, já que a expansão dos mercados do Rio de Janeiro e de São Paulo se configurava enquanto estímulo à produção agropecuária. Neste contexto, a população de Ibitipoca dedicou-se a outras atividades econômicas como a pecuária e a lavoura – milho, raízes, feijão, café e cana-de-açúcar – originando engenhos que perduraram até fins do século XIX. Os trabalhos consultados apontam a Serra de Ibitipoca enquanto área abastecedora do Rio de Janeiro, cuja cultura alimentar de subsistência e a respectiva comercialização de seu excedente encontraram nesses altos de serra o seu espaço.

Ainda que sem o ouro, Ibitipoca, devido a sua beleza natural e cênica, continuou sendo visitada por diversas expedições científicas no século XIX, uma vez que sua biodiversidade atraía cientistas e viajantes estrangeiros, como é o caso do naturalista

⁷ Os Aracis pertenciam à nação Tupinambá. São também conhecidos como Araris, ou ainda, Ararés. De acordo com Oliveira (2004, p.8) os grupos do Araris são citados na bibliografia etnohistórica como sendo os “moradores da extensa área que vai da Serra do Ibitipoca até a região do atual município de Barbacena.

francês Saint-Hilaire que, ao percorrer a Serra para realizar estudos da sua flora, fez a seguinte descrição do Arraial de Conceição do Ibitipoca em 1822.

...atravessamos primeiro a vila de Ibitipoca, que conhecia mal, e julgava ainda mais insignificante do que realmente é. Fica como já expliquei, situada em uma colina e se compõe de pequena igreja e meia dúzia de casas que a rodeiam, cuja maioria está abandonada, além de algumas outras, igualmente miseráveis, construídas na encosta de outra colina. Não estranha, pois, que inutilmente haja eu procurado, ontem, nesta pobre aldeia, os gêneros mais necessários à vida (SAINT-HILAIRE, 1974, p.32)

Saint-Hilaire (1974) e Álvaro da Silveira (1921) apontam a existência de contingentes de negros e mulatos em Ibitipoca. Seus relatos registram que a área onde atualmente se localiza o PEI serviu como abrigo para negros fugidios. Silveira (1821) relatou inclusive indícios de que as em numerosas grutas inseridas no território do parque dantes serviam de esconderijo para cativos⁸.

Delgado (1962) ressalta que

Lima Duarte foi um dos municípios onde o regime servil caracterizou-se pelo elevado número de escravos, empregados na mineração, na agricultura e em serviços domésticos, sendo que o poderio econômico e a projeção social dos ‘senhores’ eram medidos pelo número de escravos que possuíam (DELGADO, 1962, p.270).

Vale (1986) traz algumas considerações acerca de indícios da remanescência de quilombos em Ibitipoca, como refúgio para os cativos que se esquivavam dos domínios dos fazendeiros, que após escaparem subiam a Serra visando aos esconderijos naturais caracterizados pela existência de dezenas de grutas rodeadas por territórios de caça e coleta (VALE, 1986).

No século XIX, com o contínuo crescimento do povoado do Rio do Peixe, a localidade de Conceição do Ibitipoca foi perdendo expressão, ficando relativamente esquecida, também por conta de sua localização em área de difícil acesso. Acredita-se que neste mesmo século não houve grandes modificações na realidade de Conceição do Ibitipoca. Em 1881, o povoado do Rio do Peixe é elevado à vila. Em 1884, a vila é elevada à categoria de cidade com o nome de Lima Duarte (DELGADO, 1962), situação que se mantém até os dias atuais, tendo Conceição do Ibitipoca como distrito.

Na segunda metade do século XX a produção agropecuária local enfrentou dificuldades. Neste período o interesse pela Serra do Ibitipoca começou a aumentar com

⁸ A gruta descrita por Álvaro da Silveira (1821) atualmente se apresenta como um dos maiores atrativos turísticos do PEI. Denominada “Gruta dos Fugitivos”, cujas histórias e lendas que envolvem foram apropriadas pelo turismo.

alguns visitantes procedentes de municípios próximos que ali se dirigiam com a finalidade de fazer lazer nos feriados e fins de semana.

A trajetória socioeconômica do distrito começa a se redesenhar a partir da criação do Parque Estadual do Ibitipoca. O turismo passa a ser colocado como atividade econômica de especial relevância no distrito. A notável beleza cênica das paisagens do Parque aliada à riqueza histórico-cultural do Arraial conferem à região um grande potencial turístico, atraindo milhares de visitantes anualmente. Do calendário agrícola ao calendário turístico (BEDIM & TUBALDINI, 2006). Nesta perspectiva, o Arraial tem a função de eixo principal no processo de desenvolvimento do turismo, estando Parque e Arraial atrelados em uma dinâmica de um destino comum.

3.2.3 Patrimônio Arquitetônico

O patrimônio arquitetônico do Arraial de Conceição do Ibitipoca é constituído principalmente pela Igreja Matriz, Igreja do Rosário, do casario antigo da parte central do Arraial e da Praça Matriz (os dois últimos não são tombados, mas segundo o Plano Diretor de Conceição do Ibitipoca este tombamento é pretendido futuramente).



Figura 3: Foto Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição
Fonte: ALVES, 2010.

A Matriz de Conceição do Ibitipoca foi construída em 1768, patrimônio arquitetônico em estilo rococó, atrativo turístico singular do local. Construída em um período em que “progredia a região, através da mineração e da agricultura, criando-se fazendas e lavras que levaram fortuna a muitos pioneiros” (DELGADO, 1962), a Igreja é hoje tombada pelo Patrimônio Histórico de Lima Duarte, de acordo com o Decreto nº04/97 da Prefeitura Municipal. Segundo descrição do Plano Diretor de Conceição do Ibitipoca

no final do século XVII foi erguida uma ermida tosca dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Essa ermida foi substituída por uma igreja de adobe no início do século XVIII, e, em meados desse século, essa igreja precária foi demolida e construíram no lugar dela o templo atual, cuja sagração data de 1768. A construção foi subscrita por um grupo de ricos fazendeiros da região que trouxeram entalhadores, pintores e santeiros de São João Del Rei (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p.11).

A Praça da Matriz, localizada no entorno da Igreja Matriz de Conceição do Ibitipoca, é onde geralmente se realizam festejos e local onde os moradores se aquecem ao sol na época do inverno em Ibitipoca. Junto à praça se encontra um cruzeiro de madeira e a grande figueira conhecida como árvore dos enforcados, onde eram executados os criminosos, escravos, rebeldes e andarilhos (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000, p.27).

A Capela de Nossa Senhora do Rosário, localizada um pouco mais abaixo no centro do Arraial, erguida inicialmente pelos negros no início do século XIX, foi construído de pau-a-pique. Na época de sua ocasião, os negros eram impedidos de freqüentar a Igreja Matriz. Em 1915, a capela se encontrava em ruínas, tendo sido demolida e iniciada a construção de uma outra sobre os alicerces da primeira. Segundo estudo do Plano Diretor de Ibitipoca (2000), na bênção da nova igreja em 1918, houve grande presença de fiéis de toda região que vinham em carros de boi e a cavalo. A capela e os bens a ela pertencentes foram tombados através do Decreto nº03/98 da Prefeitura de Lima Duarte.



Figura 4: Foto Capela de Nossa Senhora do Rosário
Fonte: ALVES, 2010.

3.3 Turismo no contexto local

A instabilidade das formas tradicionais de produção, aliada à criação do PEI, parece conferir a Ibitipoca uma nova alternativa econômica, engendrando mudanças significativas na dinâmica sociocultural da localidade.

Os primeiros anos da década de 1970 marcaram o advento do turismo na região. Os primeiros turistas começaram a chegar a Ibitipoca no período que compreende o final dos anos 1960 e o início da década de 1970. Os estudos consultados indicam que estes primeiros turistas, que aportaram na região, não possuíam exigências mercadológicas em relação ao atendimento e demais serviços que envolvem o turismo.

Segundo Bedim (2008), os primeiros anúncios de marketing do parque sublinharam os aspectos exóticos identificados na região, o que inclui a construção de uma atmosfera projetada em torno de suas belezas naturais, e ainda, a exaltação das dificuldades do acesso rodoviário como um elemento a mais a compor o imaginário dos visitantes em potencial, o que implicou, em princípio, na motivação de uma demanda composta por jovens, aventureiros e simpatizantes do movimento *hippie* (BEDIM, 2008).

Naquela época, de acordo com o autor, ainda não se dispunha de transporte coletivo, sendo a única alternativa possível os serviços prestados por um dos moradores

locais, que possuía uma caminhonete. Do contrário, restava tão somente a esperança pela carona do caminhão de leite. A estrada de chão que ligava o Arraial a Lima Duarte estava em estado precário de conservação. A única estrada de acesso a Conceição de Ibitipoca é descrita por um jornal regional, como se segue, em março de 1987: “Estrada apertada, buracos, poeiras, barro. [...] é ir apelando para seu Santo de plantão e após, na subida da Serra, é mesmo o seja-o-que-Deus-quiser” (TRIBUNA DE LIMA DUARTE, 22 mar. 1987). O primeiro ônibus a assistir a população de Conceição de Ibitipoca começou a circular em 1998.

A princípio poucos moradores se arriscaram na exploração das novas possibilidades econômicas, se inserindo, gradativamente, nas novas ocupações proporcionadas pelo turismo. Os homens continuavam a trabalhar na lavoura, ao passo que algumas mulheres ganhavam uma nova função, de donas de casa passaram a servir almoço aos turistas. De acordo com relatos, o turismo inicialmente proporcionava à mulher uma complementar fonte de renda e, posteriormente, propiciaria a sua inserção no mercado de trabalho, e tinham como novas ocupações, atribuídas pelo turismo, as funções de camareiras, cozinheiras, caseiras, faxineiras. Algumas mulheres começaram a fazer seus quitutes e a vendê-los por conta própria aos turistas, e um dos destaques era o típico pão-de-canela⁹.



Figura 5: Foto pão de canela
Fonte: ALVES, 2010.

⁹A venda do tradicional pão de canela a turistas começou por volta de 1978, e atualmente ocupa cerca de 20 mulheres em Ibitipoca, algumas das quais o produzem nas propriedades rurais e se organizam a partir do trabalho familiar (BEDIM, 2008).

Os últimos anos da década de 1980 marcaram a primeira grande visitação à serra, quando alguns moradores alugavam suas próprias casas para turistas durante os feriados, alojando-se, para este fim, em casas de parentes. Conforme pontua Rodrigues (2001, p.58), o turismo paulatinamente alterava a rotina das famílias que, até aquele momento, sobreviviam basicamente dos reduzidos lucros proveniente de uma atividade agropecuária de pequeno porte.

Já nos primeiros anos da década de 1990, a população local se voltou às oportunidades que o turismo proporcionava, quando a maioria dos homens se inseriu, gradualmente, nos afazeres da construção civil. O serviço de lavoura começava a ser preterido, sendo aos poucos trocado por outras funções ligadas à prestação de serviços em turismo: trabalhando como caseiros de residências secundárias, guias turísticos, comerciantes, ajudantes de pedreiro, recepcionistas, dentre outras. Alguns começaram a ampliar as próprias casas, e as transformar em leitos para hospedagem.

Com relação ao número de visitantes, entre 1988 e 1995 registrou-se um aumento considerável de 7632 em 1988 para 39791 em 1995 (IEF, 1996) e em 1995 é registrado, portanto, um aumento expressivo de 240% nos índices de visitação, número que praticamente quintuplicou. O turismo na serra vislumbrava, pois, o seu “auge”, levando, contudo, a situação da vila a más condições, com barracas por todos os lados, acúmulo de lixo, falta de água, barulho, além do uso de drogas.

Naquele período, em 1993, foi criada a Associação de Moradores e Amigos de Conceição de Ibitipoca (AMAI), organização não-governamental (ONG), com o intuito de defesa da serra e de sua comunidade, além de responsabilizar-se pela promoção de eventos e obras de melhoramento na vila (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000). Segundo o presidente da AMAI, a associação existe desde a década de 1980, com o intuito de buscar melhorias para o Arraial, tendo seu reconhecimento como utilidade pública, entretanto, somente em 1993. Segundo ele a associação conta, atualmente, com vários projetos, parcerias com empresas privadas, fazendo parte do conselho consultivo do PEI. O presidente da associação lamenta, entretanto, a falta de participação de moradores do local, alegando que: “ninguém vem pra ajudar, pra participar, eles acham que a gente tem a obrigação de está fazendo tudo. É meio desgastante, é uma coisa que você é voluntário, você faz por carinho e muitas vezes se decepciona, faz parte” (Nilson, Presidente da Associação dos Moradores).

O total de visitantes pagantes no PEI foi de 49163, em 2009, uma média de 3484 por mês, segundo dados do IEF, destacando-se o fato de que o número de habitantes do Arraial não ultrapassa o de mil moradores. A partir do desenvolvimento do turismo na serra, não somente o número de visitantes que aumentou; conjuntamente, a região passou a atrair pessoas que fixaram residência no lugar, sendo inseridos na dinâmica sociocultural local.

Com a crescente exposição das belezas da Serra na mídia nacional, aquece-se o processo de especulação imobiliária na região, que por sua vez traz novos significados e configurações ao espaço rural. Se anteriormente o poder estava associado à posse de terras férteis e agricultáveis, com o advento do turismo, outros parâmetros de poder e valorização da terra emergiram, onde aquelas que possuísem os melhores atrativos turísticos, vista panorâmica ou localização estratégica exponenciariam seu valor.

A maioria dos estabelecimentos comerciais, implantados com vistas ao turismo, funciona apenas nos fins de semana e feriado; outros ainda, funcionam somente no período da tarde, observando-se, assim, um esvaziamento na vila durante os dias de semana, refletindo a relação de dependência econômica que a localidade estabeleceu. Levando-se em consideração que o produto turístico é produzido e consumido ao mesmo tempo – o que demanda maior dedicação e mão-de-obra para atender às necessidades dos turistas, é observável a dedicação quase integral dos prestadores de serviço do turismo, nestes dias de maior fluxo de turistas. Esta constatação, contudo, reduz a margem de tempo disponível às práticas culturais, uma vez que os picos de visitação coincidem com as épocas das maiores celebrações religiosas. Assim, a mudança de foco da economia influencia aspectos da religiosidade local.

O cotidiano, paulatinamente, parece se distanciar daquele modo de vida marcado pelas relações intensas com os recursos naturais e estratégias de uso destes. Se anteriormente a população local guiava suas ações pela observação das estações do ano e das fases da lua, agora é o calendário turístico que conduz o tempo de trabalho. Um simples feriado pode ser suficiente para levar vários turistas a visitarem a serra, levando o tempo de trabalho da população local a ser ditado por fatores externos, criando uma relação de maior dependência com o turismo.

O fato de Ibitipoca reconfigurar suas formas de produção e caminhar atualmente para o desenvolvimento de uma “monocultura turística” é uma situação bastante preocupante, devido ao caráter sazonal dessa atividade. Neste sentido, uma alternativa

razoável seria a diversificação dos meios de produção, aliando o turismo e a produção agrícola enquanto atividades complementares.

Até o final dos anos 1980, havia poucas pessoas “de fora” residindo no Arraial, período a partir do qual, e de forma concomitante à expansão do turismo na serra, a região passou a atrair pessoas dos mais variados lugares, que fixaram residência no Arraial com diferentes propósitos, desde a busca por melhor qualidade de vida, até a exploração econômica do turismo na região.

Segundo estudo feito para o desenvolvimento do Plano Diretor do Arraial de Conceição do Ibitipoca, são residentes em Ibitipoca, não só moradores nascidos no local, como também pessoas que visitaram o local, entusiasmaram-se com o sossego e a qualidade de vida, e optaram por permanecer na vila desenvolvendo atividades, em especial, ligadas ao turismo (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000). Com a presença destes novos atores e o intenso fluxo de turistas, problemas diversos atingiram direta ou indiretamente a população local, tais como coleta de lixo, transporte coletivo, falta de água, excesso de barulho, segurança, dentre outros.

Atuando, portanto, como suporte do turismo gerado pelo parque, o distrito sofre com a falta de uma infraestrutura e de um planejamento adequado. Em um curto período de tempo, o local sofreu mudanças, procurando adaptar-se à nova realidade. A partir de solicitação da Secretaria de Estado e Planejamento e Coordenação Geral do estado de Minas Gerais, foi desenvolvido, durante o ano de 2000, o Plano Diretor de Organização Territorial e Desenvolvimento do Turismo, que define prioridades, limites, códigos e normas, determinando o modo de executar projetos de desenvolvimento do turismo no local; diretrizes que não são obedecidas na prática.

O Arraial de Conceição do Ibitipoca é hoje um espaço que pode estar vivenciando o processo descrito no decorrer deste trabalho, onde mudanças socioculturais ocorrem na localidade após o incremento do turismo. O Arraial adquiriu toda infraestrutura necessária para acomodar os turistas que visitam o Parque, tendo o espaço sido modificado para melhor satisfação dos turistas, o que leva ao questionamento de como se situa a população local diante de tais modificações.

3.4 Mudanças socioculturais sob a ótica da população local

O trabalho teve como objetivo analisar em que medida as mudanças socioculturais, ocorridas após a intensificação do turismo no Arraial de Conceição do Ibitipoca, resultaram em uma melhor qualidade de vida para a população local.

Tais mudanças se intensificaram no final da década de 1980, transformando o Arraial em um interessante universo de observação para se entender a relação entre turismo, desenvolvimento e qualidade de vida. O Arraial de Conceição do Ibitipoca foi analisado sob a ótica da população local, conforme representado na tabela abaixo:

Pseudônimo	Idade	Escolaridade	Atual ocupação
Manoel	37 anos	Ensino Superior	Aluga quartos para turistas
Joaquim	52 anos	8º série do ensino fundamental	Aluga quartos para turistas
Maria	48 anos	4º série do ensino fundamental	Aluga quartos para turistas e vende pão de canela
Denise	43 anos	2º série do ensino fundamental	Faz faxina para turistas
Beth	41 anos	4º série do ensino fundamental	Aluga quartos para turistas e vende pão de canela
José	78 anos	4º série do ensino fundamental	Aluga quartos para turistas

Quadro 3 :Perfil dos entrevistados
Fonte: ALVES, 2010.

A fim de se atingir o objetivo central do trabalho, este foi dividido em dois temas centrais, onde o primeiro destaca as mudanças socioculturais apontadas pelos moradores e o segundo analisa, de acordo com a visão da população local, em que medida estas mudanças resultam em uma melhor qualidade de vida, e, na discussão dos resultados, as seguintes observações foram geradas:

a) o encontro;

Uma das características próprias do turismo, como evidenciado anteriormente por vários autores, é a de que ele promove o encontro de culturas diferentes, provocando mudanças onde diferentes culturas se relacionam. Turistas e população local entram em contato com bagagens culturais e socioeconômicas muito diversas, vivenciando a alteridade.

Ao chegar na região de destino, o turista não se despe de sua referência cultural para incorporar a referência local, levando consigo todos os seus hábitos, comportamentos, tradições, valores e expectativas, sendo visitantes que permanecem no local por um curto período, com suas próprias normas culturais e padrões comportamentais (LICKORISH e JENKINS, 2000).

Esta troca de experiência entre o turista e o morador estabelece uma nova dinâmica de resgate e inovação de identidades, podendo contribuir para a modificação nos hábitos e costumes. Assim, o encontro entre esses sujeitos inspira um processo de transformação e reinvenção da realidade, conforme ilustrado no depoimento a seguir:

O turismo, o turista, que está fazendo esse desenvolvimento né. Porque se não fosse isso Ibitipoca ainda era aquela cidade, aquele arraialzinho que tinha poucas pessoas e tal. Era uma coisa mesmo de interior. Então o que está mudando é pelo turista. Está mudando de uma forma ou de outra (Maria).

Segundo Fonteles (2004), durante este processo de mudanças, a vida cotidiana apresenta-se como em um mundo intersubjetivo, no qual é possível vivenciar novas experiências e onde ocorrem a participação e a interação entre os homens. Para o autor com a chegada dos turistas a população local passa a

vivenciar outros modos de vida, a adquirir outros tipos de conhecimento. Em alguns momentos há apreensão do novo, em outros ocultação e em outros ainda interação, em um jogo dialético. Dessa forma se constroem outras relações sociais, culturais, econômicas e políticas (FONTELES, 2004, p. 153).

As mudanças ocasionadas em função deste encontro podem assumir papel positivo, à medida que o turismo leva informação, inovação, troca de vivências, diálogo, provocando a aproximação entre diferentes culturas. Fonteles (2004) acrescenta que a população local, confrontando-se com o outro, o visitante, incorpora novas referências a sua cultura, ao mesmo tempo que também interfere na cultura do visitante.

O encontro proporcionado pelo turismo pode ser considerado uma experiência que incide sobre a percepção do visitante, em direção a outras culturas e maneiras de viver, aumentando a compreensão e o respeito às diferenças (SANCHO, 2001). Para Dias (2008), o turismo

promove o intercâmbio entre diferentes culturas com o contato entre turistas e residentes locais, que resulta em mais compreensão e respeito mútuos, tolerância em relação à valores, hábitos e costumes diferentes e aceitação da pluralidade cultural como um aspecto importante da humanidade (DIAS, 2008, p.125).

Esta percepção reafirma a visão de Irving (2008, p. 04), segundo a qual o planejamento turístico deve pressupor compromisso ético, respeito e engajamento de “quem está” e de “quem vem” ao local, uma vez que sem essa interação harmoniosa, a troca de valores não se efetiva e o “espaço da interação” ganha expressões apenas circunstanciais.

Segundo Lickorish e Jenkins (2000) o encontro pode oferecer uma forma de reativar a vida social e cultural da população residente, revitalizando assim a comunidade local, como relatado pela entrevistada:

Muda até a convivência com as pessoas, é bom conviver com as pessoas. É igual já te falei, da gente conviver com outras pessoas. Que aqui não tem muita coisa pra gente fazer. Não tem onde sair. Então, às vezes, o turista que chega, aí a gente conversa, troca idéia. Isso é muito bom (Maria).

O encontro assume, no entanto, um aspecto negativo quando resulta no desrespeito com o morador local, alteração negativa do cotidiano, descaracterização cultural, como colocado pelos moradores:

Nós ganhamos muito e perdemos muito. Perdemos a identidade, perdemos o nosso jeitinho aqui em Ibitipoca, perdemos nossos hábitos, nosso costumes, perdemos tudo (Joaquim).

O pior é a perda da identidade. Que as pessoas do lugar foi perdendo aos poucos com a chegada do turismo. Eu acho que tem muita gente que não quer ser aquela pessoa de Ibitipoca que ele era. Ele quer ser igual ao turista. Ele quer fazer uma coisa igual a outra pessoa faz. Está perdendo a identidade aos poucos. Ibitipoca está perdendo sua identidade (José).

Para Maria o desenvolvimento do turismo tem dois lados, um lado bom e outro ruim. O lado ruim é, segundo ela, a perda da característica do lugar.

As pessoas foram perdendo o jeito que elas eram. Foi ficando mais ao jeito do turismo, do que do pessoal do Arraial, como era antigamente. Eu acho assim... tem dia que até dá saudade. Eu acho que isso que está sendo o pior de Ibitipoca (Maria).

Anteriormente à introdução desses novos atores, porém, os moradores relatam haver mais condições de sossego e tranquilidade, e deixam claro que esta concentração de turistas está restrita aos fins de semana e principalmente á semana santa, reveillon e carnaval. Segundo o entrevistado José “são três períodos que é volumoso. É reveillon, carnaval e a semana santa. semana santa é que enche”.

Outro aspecto abordado pelos moradores é que mediante o grande fluxo de turistas em feriados, como a semana santa por exemplo, manifestações culturais que eram, até então, tradicionais no local, estão deixando de acontecer. Segundo a moradora Maria os “atos” da semana santa agora ocorrem muito raramente.

Aqui a semana santa antigamente era linda, agora hoje não. As pessoas ficam envolvidas trabalhando. Show não tem mais. Tinha quadra ao vivo na rua, era muito bonito. Foi perdendo isso tudo (Maria).

José concorda ao afirmar

Aqui tinha semana santa, quadra ao vivo, hoje não tem mais, porque as ruas enchem de carro, onde as pessoas põem o carro. E as pessoas também todo mundo trabalha, porque bar, restaurante, enche tudo. Você não vê mais as pessoas participarem igual era. Porque era mais de 40 pessoas, era muito bonito (José).

A moradora Beth diz lamentar também a questão do antigo tear, segundo o qual várias das mulheres trabalhavam e faziam desta atividade sua fonte de renda. Com o advento do turismo, porém, o tear acabou por inexistir. Segundo a mesma moradora, isto se deve ao fato de hoje existirem formas mais fáceis de ganhar dinheiro, levando as pessoas a preferirem este trabalho, além da atividade não ser mais passada para as novas gerações.

Quando bem planejado e desenvolvido em consonância com as especificidades locais, o turismo, entretanto, pode promover o resgate da herança cultural, estimulando a valorização da arte, da música, da gastronomia e do artesanato. Esta valorização desperta o interesse do morador para a revitalização de seu próprio trabalho, utilizando a matéria-prima disponível de sua região, agregada a habilidade de retratar seus valores, hábitos e vida cotidiana por intermédio das manifestações culturais.

b) infraestrutura

O turismo, ao incitar o investimento em infraestrutura, pode trazer benefícios à população local, apresentando melhorias em alguns serviços essenciais como coleta de lixo, fornecimento de energia, fornecimento de água, saneamento básico, pavimentação das vias públicas, sinalização, policiamento, aperfeiçoamento nas redes de comunicação, ampliação da oferta de transporte urbano, hospitais, supermercados, dentre outros, melhorando a qualidade de vida dos moradores.

Para Barreto (1995), o turismo não se sustenta sozinho, a não ser que envolva aspectos relacionados à infraestrutura, especialmente questões relativas ao saneamento, hospedagem, alimentação, opções de lazer, vias de acesso, serviços e produtos oferecidos no local, e meios de transporte para deslocamento. A materialização do turismo envolve, portanto, a criação de equipamentos de infraestrutura que dão suporte para o desenvolvimento do setor.

Todos os moradores concordam entre si ao descreverem as mudanças ocorridas na infraestrutura e serviços do local após a intensificação do turismo, colocando este como um aspecto positivo da atividade turística, onde o processo é descrito como se segue, pelo entrevistado José:

Melhorou sim alguma coisa, vamos dizer... Veio luz elétrica, porque aqui teve uma “luzinha” que foi construída pelo próprio povo em 1960, era uma luzinha de uma cachoeira aqui de 3 Km de distância, era um motorzinho de 7 cavalos. Então atendia as casas que eram poucas. Iluminava a Igreja. Aí veio o DAE, uma empresa de água e esgoto que implantou aí, depois a CEMIG veio com luz elétrica, com telefone, tem uma escola municipal razoável, tem um posto de saúde também razoável e isso melhora muito.

Na época a gente saía daqui a cavalo pra ir até Lima Duarte, na época não tinha carro. Em 1968 foi o primeiro carro que teve aqui na vila. Daí pra cá veio vindo.

Então com a chegada da instalação do parque deu uma ênfase maior. E melhorou a posição de vida do pessoal. Depois o parque com a divulgação que ele faz, tem muitas visitas, pra você ter uma noção, aqui, até esta época eu ia a Lima Duarte a cavalo, aquele que não tinha cavalo ia a pé (José).

Para Maria “tudo melhorou, acesso... não tinha acesso, esse período ninguém chegava lá de carro no período das chuvas, antigamente. Hoje já está quase tudo calçado”. Segundo a moradora Beth “há uns cinqüenta anos atrás, sessenta, o povo daqui era um povo que tinha dificuldade financeira. Naquela época era tudo muito mais difícil. Em questão de roupa, até mesmo de alimentação. Hoje não. Assim, hoje a gente não tem problema de serviço aqui”.

Esta questão do incremento da rede de comércio e de prestação de serviços é citada por outro morador ao dizer que com o turismo melhorou muito. “Antigamente nós não tínhamos nada aqui. Não tinha um supermercado, hoje em dia já tem. Não tinha açougue, tem. Pra nós foi maravilhoso” (Denise). Este incremento, derivado da demanda de consumo que a população flutuante de turistas traz para esses locais, é visto como um aspecto positivo do desenvolvimento ocorrido com o incremento do turismo.

A infraestrutura geral das destinações constitui a base do funcionamento adequado para atender às necessidades básicas tanto dos turistas como da população receptora (RUSCHMANN, 1997). No entanto, em muitos casos, os moradores podem receber poucos benefícios diretos dessas melhorias, cuja grande parte dos investimentos se direciona a áreas próprias para o turista, e não exatamente para atendimento das necessidades e aspirações da população. Aparentemente, esta não é a situação em Ibitipoca, uma vez que, segundo os relatos dos entrevistados, a população local tem se beneficiado com o desenvolvimento da infraestrutura, sendo preciso destacar, entretanto, a necessidade de planejamento e projetos turísticos que visem as

necessidades e aspirações da população local, para que o desenvolvimento destas infraestruturas e serviços resultem em uma melhor qualidade de vida.

O aumento do fluxo de pessoas no local e uma infraestrutura ineficiente podem propiciar o surgimento de inúmeros problemas, entre eles o congestionamento do tráfego, falta de água e luz, poluição. Segundo Lickorish e Jenkins (2000), o acesso a lojas, transportes e atrações turísticas pode estar sujeito à superlotação, atrasos, filas e, em geral, aumento dos preços em curto prazo, nos locais onde os residentes utilizam ou compartilham instalações com os turistas.

Dias (2008) concorda ao afirmar que a presença dos turistas afeta o consumo de energia, de água potável e de alimentos, aumenta o tráfego de veículos, as instalações sanitárias atingem sua capacidade máxima, havendo um aumento da poluição ambiental, incluindo a sonora e a visual.

O volume crescente de turistas que vêm freqüentando o local tem causado alguns transtornos, pois em épocas de grande movimento é comum a reclamação de que as ruas ficam cheias, com trânsito local dificultado pela quantidade de veículos estacionados e som alto que vem dos carros ou bares (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000).



Figura 6: Semana santa - Abril de 2010

Fonte: ALVES, 2010.

Estas questões são abordadas pelos moradores que, em grande maioria, citaram como pontos negativos do turismo a questão da falta de água e luz, do esgoto, do lixo, restaurantes lotados, ruas cheias de carro. O esgoto que, segundo os entrevistados Maria e Joaquim, é jogado diretamente nos rios, a céu aberto, não recebe nenhuma atenção por

parte do poder público. Joaquim ressalta que Ibitipoca hoje tem quase mil residências, todas elas despejando seu esgoto nos córregos do local.

A falta de água e luz foi abordada por cinco dos entrevistados, onde todos ressaltaram a semana santa como período no qual o fluxo de pessoas é mais intenso, e os transtornos ocorrem com maior intensidade.

Teve uma semana santa que teve um pico de energia por volta de seis horas da tarde e aí passou o resto da noite sem. Aí alguns comércios aqui, alguns botaram até gerador. Com isso a gente fica na mão. Isso era uma questão que até tinha que ser revista nessa época da semana santa (Beth).

Chega a faltar água, de uns anos pra cá melhorou porque tem aí uma caixa, tem reservatório aí pra mais de 400 mil litros de água. Tem dois poços artesianos, mas há tempos atrás faltava. A luz não, a luz sempre dá um blackout aí. Aí falta de uma noite pro dia. Tem geladeira, tudo isso, danifica tudo. Mas tudo vai corrigindo, vai chegando é com o tempo (José).

Segundo relato de uma moradora, o lixo é um dos grandes problemas do Arraial. O morador afirma que na Semana Santa “fica muito lixo”. Esta questão é, para ela, bastante problemática, uma vez que

tem uma área que é tombada pelo patrimônio histórico, então o latão não combina com aquilo. Então tirou. Então o lixo virou um problema, porque às vezes o turista até queria ... não queria deixar na rua, por não ter latão, então às vezes eles até deixavam na rua, às vezes pendurava, cachorro ia rasgava a sacola. Em agosto eles colocaram uns cestinhos na rua. Resolveu mais ou menos. Uma porque o cestinho não dura muito tempo, principalmente agora período de chuva, pega muita chuva e ele não agüenta. E ele ficou baixo, os cachorros mesmo assim estão tirando o lixo do cestinho e jogando no chão. Então assim, acho que tem que ter uma idéia mais inteligente. Resolveu, mas ainda não foi o suficiente. E essa questão do lixo eu lamento mesmo (Beth).

A infraestrutura existente no Arraial de Conceição do Ibitipoca sofreu certa pressão devido ao crescimento populacional e ao aumento da população flutuante, provocando uma sobrecarga na alta temporada. É necessário, porém, uma boa infraestrutura para contribuir com o bem-estar da população residente e para a conservação do meio ambiente, evitando, por exemplo, a poluição ambiental, a contaminação dos recursos hídricos, a falta de água e luz, como colocado pelos entrevistados.

A segurança apresentada também como um dos problemas oriundo do turismo, por três dos entrevistados, que disseram que “agora eles têm um policiamento, composto por um cabo e dois soldados”. Segundo a moradora Maria “o policiamento não é constante, mas melhorou muito, porque antes não tinha”. Para ela, o que poderia ser melhorado é a frequência com que estes policiais trabalham, uma vez que eles trabalham com mais intensidade nos fins de semana, quando o fluxo de pessoas no Arraial é maior. Entretanto, todos os moradores, os que citaram a questão da segurança, destacaram que o Arraial é um lugar muito tranquilo, onde normalmente violência não é um problema, chegando mesmo os moradores a não terem fechaduras em suas portas, fechadas apenas por pequenas trancas, e permanecerem com suas janelas abertas.

O lazer foi colocado pelos moradores como uma questão que merece ser trabalhada. Segundo o morador Manoel, o parque, referência para o turismo e lazer na região, devido as suas cachoeiras e áreas verdes, cobra um valor alto para seu acesso, não sendo, por este motivo, um lugar onde possam estar constantemente. No Arraial, em si mesmo, só existem um campo de futebol e uma quadra, que foi construída em 2009. Para a entrevistada Beth o Arraial de Conceição do Ibitipoca precisa ter a questão do lazer revisada.

Na verdade o jovem não tem muito lazer aqui. Só tem o campo de futebol e a quadra, nada mais que isso. Eu acho que pros jovens e pras crianças precisava ter algum projeto, teatro. Eu acho que às vezes existe esta preocupação o que fazer pra que esse adolescente não entre pra esse mundo das drogas. Eu sei que tem vários motivos, às vezes nem é o lazer, porque a gente sabe que é todo um processo que envolve essa busca, esse refúgio. Mas eu acho que o teatro ou outro tipo de arte. Porque às vezes a gente vê pessoas que poderiam estar desenvolvendo um talento. Não desenvolve porque não tem um incentivo. Não tem um programa voltado pra isso. Acho que essa questão de falta de lazer e até mesmo voltado pra este lado de entretenimento. Isso aí falta pro jovem e pro adolescente (Beth).

De modo geral, os depoimentos ressaltaram que a infraestrutura melhorou nos últimos anos, destacando, entretanto, que o Arraial de Conceição do Ibitipoca ainda não tem condições físicas e estruturais para receber o atual número de turistas no reveillon, carnaval e semana santa.

Diante dos relatos podemos perceber que as mudanças até então ocorridas na infraestrutura e nos serviços no Arraial de Conceição do Ibitipoca é colocada como

aspecto positivo pela população local, que dizem ainda precisar de algumas melhorias. O desenvolvimento da infraestrutura é uma das questões principais a ser abordada ao se planejar o desenvolvimento do turismo, pois, o fluxo turístico pode ser incompatível com a infraestrutura local, trazendo problemas à população local, comprometendo sua qualidade de vida ou pode, por outro lado, incitar o desenvolvimento de infraestrutura ou melhoria já existente, atendendo as necessidades locais e resultando em uma melhoria da qualidade de vida.

c) geração de emprego e renda

O turismo pode contribuir na revitalização da economia local, gerando novas fontes de emprego e renda. A geração de emprego, além do ganho no poder aquisitivo pode proporcionar a evolução no âmbito social e cultural dos residentes de determinada localidade. Os moradores do Arraial de Conceição do Ibitipoca são unânimes ao relatar o local no período antes do turismo, quando o Arraial vivia basicamente da agropecuária e pós-turismo. Segundo eles

há 30 anos atrás tinha pessoas morando em casinha de sapé, hoje não. Ainda mais lá no alto da serra, que pra agropecuária o solo é muito ruim, a topografia é pior, faz muito frio, então nunca foi uma região que dava muito leite, então isso também somava pra pobreza do lugar. Então veio o turismo e mudou tudo, hoje é a comunidade mais rica do município. Tudo melhorou. Acesso, não tinha acesso, esse período ninguém chegava lá de carro, no período das chuvas (José).

Era uma vila muito pobre, e devagar veio vindo as coisas. A única coisa que tinha aqui era lavoura, lavoura e leite. Só mesmo pra sobrevivência, não era pra porque as terras aqui não são férteis, mas todo mundo vivia assim (Denise).

Sancho (2001) afirma que o turismo pode influir diretamente na estrutura social de uma região ou um país, pois o emprego no setor turístico é uma forma, para muitos moradores, de mais mobilidade social.

Para Krippendorf (2003), o interesse econômico constitui a principal motivação do residente local em relação ao turismo. Dentre as mudanças colocadas pelos entrevistados, o fator financeiro, como a geração de emprego e renda, foi o primeiro a ser abordado por todos os moradores, segundo os quais

A mudança boa é o progresso que traz. Emprego, essas coisas assim, para população. Igual a construção civil, está a todo vapor, dando emprego pra muita gente. Dando trabalho pra muitas pessoas (Maria).

Ah mudou muita coisa né. O lado financeiro, porque acabou assim trazendo mais, acabou precisando mais de mão-de-obra. Porque hoje nós temos aqui pessoas que vieram de São Paulo, de Belo Horizonte, do Rio. Tudo tem negócio aí. E devido também às construções (Beth).

As oportunidades que surgem com a atividade turística podem favorecer a estabilidade para a vida da localidade, permitindo que os moradores permaneçam no local, não se necessária a saída do local na busca por emprego e renda. Resende (2006) sinaliza que o advento do turismo traz novas perspectivas para a comunidade, atingindo diretamente os jovens que, nos dias atuais, não precisam mais deixar sua comunidade em busca de emprego ou mesmo trabalhar na lavoura, como vinha acontecendo anteriormente. Segundo o entrevistado José “há trinta anos atrás saía todo mundo pra trabalhar fora, hoje não”.

No entanto, além de gerar oportunidades de trabalho, incremento na renda e melhorias de infraestrutura e na oferta de serviços, o aumento do fluxo turístico pode trazer problemas característicos da falta de planejamento.

O uso da mão-de-obra local é um fator importante a ser destacado. Como os serviços prestados pelo turismo demandam conhecimentos mais especializados que aqueles oferecidos pela população local, os empregadores dão preferência por mão-de-obra de outras regiões, devido à baixa formação local. A tentativa de inserção da população local no turismo, desempenhando novas funções, exigiria ações prévias de capacitação e formação profissional, o que forma, entretanto, um círculo vicioso, onde nem o poder público local nem os empregadores investem na formação e capacitação da população local. A mão-de-obra local, por diversas vezes, serve à execução de funções menos qualificadas e com baixo rendimento. Os jovens são empregados como pedreiros, servente de pedreiro, garçons, recepcionistas, guias, dentre outras atividades, como anteriormente mencionado. As funções mais especializadas, como gerenciamento de hotéis, por exemplo, costumam ser exercidas por pessoas de fora.

Ao lado da dificuldade de inserção de forma justa no turismo, a população local enfrenta problemas advindos do abandono de outras atividades produtivas, e da sazonalidade do turismo. Mediante a oportunidade que o turismo pode vislumbrar, moradores locais podem abrir mão das atividades que desenvolvem, tais como a pesca e a agricultura, visando renda através do turismo, acreditando em uma possível melhoria de vida. Devido ao fato de ser uma atividade sazonal, porém, esta deveria ser

empreendida como uma atividade complementar a já existente e não a principal. A economia local passa a gravitar em torno do turismo.

Em Ibitipoca, a sazonalidade da demanda turística é um fator bastante influente, uma vez que os picos de visitação se concentram nos feriados prolongados como carnaval, semana santa e réveillon. Para Ruschmann (2001), esta sazonalidade, que se caracteriza pela concentração de turistas em certas localidades em determinadas épocas do ano, e por sua ausência em outras, pode provocar transtornos e efeitos econômicos negativos consideráveis nas localidades receptoras.

O antagonismo entre o desenvolvimento do turismo e o desenvolvimento das localidades receptoras tem fomentado, portanto, discussões sobre sua concepção como gerador de emprego e renda. Muitas das vezes os recursos financeiros, captados através do turismo, ficam, em grande parte, nas mãos de alguns empreendedores e prestadores de serviços, sem que sejam distribuídos e sem retorno para a população local.

A situação de dependência econômica no Arraial de Conceição do Ibitipoca é perceptível, não só pela ótica dos moradores, mas pela configuração da estrutura de trabalho e renda na localidade. São visíveis os equipamentos, serviços e comércio local direcionados ao turismo. Assim, a sazonalidade e instabilidade do fluxo turístico são constantes ameaças para a situação financeira de seus moradores.

No entanto, do ponto de vista de vista da geração de emprego e renda, o turismo é visto como uma alternativa positiva para a população local, que se sente economicamente fortalecida, principalmente em relação às mulheres, antes apenas donas de casa, e agora passaram a obter sua renda através do aluguel de quartos, artesanato, venda do pão de canela e faxinas para os turistas.

d) droga

Dentre as mudanças negativas advindas do incremento do turismo, a droga foi a mais colocada pelos entrevistados. Segundo eles o uso da maconha é constante no local, principalmente por parte dos turistas. Para a moradora Maria, este é o malefício oriundo do desenvolvimento do turismo, atingindo a população local, principalmente jovens e crianças.

Outra moradora afirma que o aspecto negativo do desenvolvimento do turismo é

bebida, droga. É esses jovens assim sem limite que fazem o que os outros fazem. Acha que está certo. Essas coisas assim. Baderna. Tipo,

alguém as vezes que vem e não respeita o povo do lugar. Grita a noite toda, não deixa a pessoa dormir. Esse tipo de coisa assim (Denise).

Nesta perspectiva a presença dos turistas pode provocar mudanças nos valores sociais e nas atitudes da população local, pois além da proliferação do uso de drogas, outros problemas podem ocorrer em consequência desta mudança, como a prostituição e maior taxa de criminalidade, embora estes não tenham sido relatados pelos entrevistados.

e) crescimento populacional

Um dos principais indicadores de mudança sociocultural do turismo é o crescimento populacional. O incremento do turismo implica no desenvolvimento de uma série de equipamentos e serviços que impulsiona a economia local, oferece oportunidades de emprego, renda e expectativas de vida, atraindo um contingente de pessoas para os destinos turísticos.

Ao ser entrevistada sobre esta questão no Arraial de Conceição do Ibitipoca, uma das moradoras coloca que chega mesmo a se surpreender com o aumento do número de casas. Segundo o presidente da AMAI, estudos feitos pela instituição mostram que, em trinta anos, o número de residências subiu de aproximadamente 40 para 852 moradias.

Outra moradora narra que

fico vendo estas mudanças. Por exemplo, se você ver uma foto de Ibitipoca antiga, eram casas simples, era um vilarejo pequeno. Hoje eu, particularmente, até me surpreendo quando às vezes eu vou por uma rua e a gente vê como que aumentou casa. Por exemplo, esse morro do cemitério era um morro que as pessoas, ninguém queria lote ali. Por bobagem, por ser perto do cemitério. Então ninguém quis. Hoje é uma área nobre, só tem casa de gente de fora e tudo casa boa. Não sei pra onde a gente vai parar não (Beth).

Segundo relatos dos moradores, o Arraial de Conceição do Ibitipoca começou a apresentar este elevado crescimento demográfico devido ao incremento do turismo no local. Segundo eles, além dos turistas que frequentam o local em determinadas épocas, existem também pessoas que vieram para o local na busca de uma maior tranquilidade ou mesmo para viver das atividades do turismo.

f) patrimônio histórico-cultural

Com o desenvolvimento do turismo local, monumentos e prédios com valor histórico e cultural, diante de seu potencial de atratividade, passam a receber maior atenção do governo e até de instituições privadas, que buscam conservá-los e até mesmo restaurá-los. O turismo pode, portanto, dentro desta perspectiva, ser um aliado à preservação e à restauração de monumentos, edifícios e lugares históricos.

De acordo com Dias (2008), o turismo pode ser um estímulo importante para a preservação e a conservação da herança cultural, tais como a conservação de lugares históricos, diferentes estilos arquitetônicos, a revitalização das artes tradicionais, do artesanato, da dança, festas, cerimônias, dentre outros.

O turismo pode ajudar a estimular o interesse dos moradores pela própria cultura, por suas tradições, costumes e patrimônio histórico, uma vez que os elementos culturais de valor para a população local são recuperados e conservados, para que possam ser incluídos no turismo (SANCHO, 2001). Segundo Sancho (2001), esse despertar cultural pode constituir uma experiência positiva para os moradores, dando-lhes certa conscientização sobre a continuidade histórica e cultural de sua comunidade, que, por sua vez, podem se tornar aspectos que potencializam o atrativo do lugar.

Ruschmann (1997) coloca, no entanto, que um grande fluxo de turistas, como também sua constância, provoca em determinadas localidades danos nas estruturas de bens históricos e culturais, seja em relação ao excessivo tráfego de veículos como as ações depredatórias. O patrimônio histórico-cultural de Ibitipoca não foi citado no relato dos entrevistados, mas em estudo para o plano diretor do distrito a Fundação João Pinheiro colocava que a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição sofre com o tráfego pesado nas imediações, apresentando algumas rachaduras (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2000). Esta colocação pode ser constatada em visita para trabalho de campo, em maio de 2010, permanecendo nas mesmas condições em novembro de 2010. A Capela de Nossa Senhora do Rosário, por outro lado, teve sua fachada restaurada recentemente.

3.5 Turismo, desenvolvimento e qualidade de vida: por uma abordagem local

Eu acho que qualidade de vida é a paz, o sossego, Graças a Deus esta tranqüilidade que a gente tem aqui. Poder sair na rua a qualquer hora. Pode ir e vir. Graças a Deus não tem violência. Aqui tem uma qualidade de vida muito grande. Essa natureza também maravilhosa que a gente tem (Maria, moradora local).

De acordo com os moradores do Arraial de Conceição do Ibitipoca, o turismo trouxe mudanças significativas para a localidade, que estão em estreita relação com o processo de desenvolvimento e a conseqüente melhoria na qualidade de vida da população local. Porém tais mudanças apresentam, dentro da perspectiva dos moradores locais, aspectos positivos e negativos, conforme sistematização apresentada no quadro 4.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Geração de Emprego	Perda da identidade; características locais
Geração de Renda	Barulho
Desenvolvimento de infraestrutura	Lixo
Serviços	Congestionamentos de Veículos
Convivência com pessoas diferentes	Bares e restaurantes lotados
Diminuição da Pobreza	Crescimento Urbano Desordenado
Vida Social mais ativa	Uso de Drogas
	Mudanças nos hábitos e costumes

Quadro 4 :Aspectos positivos e negativos do turismo sob a ótica da população local.

Fonte: ALVES, 2011.

Diante deste contexto, a população do Arraial de Conceição do Ibitipoca afirma que o turismo foi mais positivo que negativo, e vêem nas mudanças positivas possibilidades de melhoria nas suas condições de vida. Segundo a entrevistada Beth, o Arraial hoje traz mais oportunidades de emprego, melhor infraestrutura, serviços. As necessidades atualmente, segundo Beth, são outras, mas não se pode negar os benefícios trazidos e gerados pelo turismo.

A qualidade de vida foi colocada pelos entrevistados de acordo com critérios, tais como trabalho, renda, infra-estrutura, serviços, convivência, lazer, relação com recursos naturais. Tais critérios são diferentes para cada pessoa e para cada situação, pois há grande diversidade de critérios a ser considerado, mas os moradores do Arraial de Conceição do Ibitipoca, sujeitos deste estudo, afirmam ter uma melhor qualidade de vida hoje e que o processo de desenvolvimento do turismo no local contribui para tal condição.

Para o morador Joaquim o turismo é positivo, sendo o problema mencionado por ele a falta de preparo prévio para o recebimento destes turistas, nunca havendo uma relação construtiva entre o local e o poder público de Lima Duarte, resultando em um turismo sem planejamento.

Os moradores apresentaram, durante suas entrevistas, sugestões que, na opinião destes, resultariam em um turismo desenvolvido de forma sustentável, como o fortalecimento da associação de moradores, investimento em lazer e atividades culturais para jovens e crianças, melhoria da infraestrutura e planejamento e organização da atividade turística. Estas são, segundo os moradores, as questões principais a serem trabalhadas no local, para que o turismo seja veículo de desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida. No entanto, para que sejam concretizadas, será necessário um esforço conjunto entre população local, iniciativa privada, poder público, e até mesmo os turistas.

Considerar tais questões é de fundamental importância para o desenvolvimento de projetos pautados em um desenvolvimento local, desenvolvimento este que considera as necessidades, as aspirações, valores e limites da população local, buscando crescer em qualidade, melhorando assim as condições de vida desta população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do turismo no Arraial de Conceição do Ibitipoca ocorreu num contexto onde a agricultura já não garantia renda suficiente e os aspectos geográficos desfavoreciam a implantação de outra atividade econômica. A mudança de foco da atividade agrícola para o turismo resultou em mudanças significativas na localidade. Isso não implica em dizer que o turismo foi positivo ou negativo. As mudanças são características das sociedades humanas. Contudo, tais mudanças alteraram o cotidiano e o modo de vida local. A população ainda assiste a recomposições de sua dinâmica sociocultural.

Dentro desta perspectiva percebemos que o turismo pode interferir não somente nos aspectos econômicos, mas também no ambiental, social e cultural, atuando simultaneamente com os elementos da contemporaneidade e da globalização. As mudanças socioculturais abordadas no presente trabalho referem-se a uma multiplicidade de transformações provocadas pelo desenvolvimento do turismo. Compreender tais mudanças equivale a reconhecer o turismo como um fenômeno sociocultural complexo.

Ao longo do estudo foi apresentada a visão da população local a respeito das mudanças socioculturais ocorridas com o incremento do turismo no Arraial de Conceição do Ibitipoca. As alterações apontadas pelos moradores compreendem transformações que afetam a infraestrutura, os serviços, assim como modificações ocorridas em certos aspectos locais. Todos estes elementos estão relacionados com a qualidade de vida da população local.

O processo de desenvolvimento turístico no Arraial de Conceição do Ibitipoca tem atraído pessoas que buscam tranquilidade ou que vêem o local como oportunidade de investimento no turismo, provocando crescimento populacional. O local, antes uma vila tranquila, passa por uma expansão urbana com desenvolvimento de infra-estrutura e serviços. Por outro lado, a dimensão da infra-estrutura local ainda é considerada inadequada para receber o fluxo turístico, pois na alta temporada há falta de água, de energia elétrica, congestionamento e acúmulo de lixo.

Os moradores apontaram a geração de emprego e renda como a principal vantagem do turismo. O encontro entre turistas e população local tem seus aspectos positivos e negativos, mas é visto pela maioria dos entrevistados como um aspecto

positivo do turismo. Para eles o aspecto negativo está no aumento do uso de drogas, no desrespeito, na perda de algumas tradições, na poluição dentre outras questões como nos referimos acima. Nesta perspectiva o turismo observado no contexto atual do Arraial de Conceição do Ibitipoca pode acarretar também mudanças indesejáveis.

Diante das mudanças socioculturais ocorridas após o incremento do turismo, alguns aspectos destacaram-se como reais entraves ao processo de um desenvolvimento local de fato. Esses se relacionaram, principalmente, à participação local incipiente, à carência de infraestrutura básica e turística, bem como à falta de parceria entre população local, poder público e iniciativa privada. Estas não são questões simples a serem superadas. Portanto, será necessário a formação e capacitação técnica dos moradores locais, o fortalecimento organizacional e a implementação de infraestrutura adequada. Tais questões poderão ser viabilizadas por meio de parcerias entre a população local e as diversas instituições envolvidas no processo, potencializando-se o diálogo. É necessário, portanto que, a formação e capacitação em planejamento e gestão do turismo sejam aprimoradas e monitoradas permanentemente, com base na valorização do diálogo e cooperação, respeitando os diferentes tempos de resposta local.

Uma das principais estratégias para a consecução deste objetivo poderá ser o fortalecimento da AMAI e o estabelecimento de um conselho consultivo para que todos os envolvidos possam expor suas necessidades e idéias, visando construir, em conjunto, os objetivos que irão nortear o projeto coletivo. Para Hô (1988) a construção destes projetos deve estar fundamentada na cultura. Segundo o autor é essencial a integração da cultura como dimensão e finalidade do desenvolvimento, porque é nela que o desenvolvimento encontra seu impulso fundador, nas necessidades e nas aspirações dos indivíduos como coletividades, nos fins a que eles se propõem e nos projetos que os concretizam (HÔ, 1988).

No entanto, apesar de apontarem alguns aspectos negativos do turismo, os depoimentos indicaram que após o desenvolvimento do turismo a qualidade de vida melhorou. Com esta compreensão, os principais aspectos apontados foram a melhoria da infraestrutura, os serviços, a geração de emprego e renda, a convivência e uma vida social mais ativa. Neste contexto, é importante enfatizar que o presente estudo aborda a qualidade de vida partindo de aspectos da percepção dos participantes da pesquisa.

Todas as mudanças apontadas podem representar um caminho para a melhoria na qualidade de vida, desde que a contribuição do turismo para o desenvolvimento

possua não apenas grande significado econômico, mas também exerça outras mudanças igualmente relevantes, notadamente sobre a cultura e o espaço – natural e social – da localidade, proporcionando a seus moradores melhores condições nos aspectos gerais da vida (SOUZA, 2002).

Se devidamente planejado e pautado na realidade da localidade receptora o turismo pode ser veículo de desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida. Portanto, o desafio de se implementar o turismo como uma prática consistente com relação as necessidades e aspirações locais não é fácil de ser superado, diante da diversidade de idéias e interesses envolvidos. Para tanto é necessário um planejamento abarcando o conjunto de atores envolvidos, incluindo poder público, iniciativa privada e população local. Deve ser a população local a principal interessada no desenvolvimento.

Nesta perspectiva, entende-se que o desenvolvimento do turismo deve estar centrado no humano. Para a maioria dos autores estudados, o grande desafio é conseguir inserir no processo de desenvolvimento a importância do bem-estar humano e da busca do bem comum. Para alcançar esse objetivo é necessário que o projeto de desenvolvimento contemple as necessidades e aspirações da população local, que haja participação e formação de lideranças da localidade e que, sobretudo, o desenvolvimento tenha como objetivo a qualidade de vida da população envolvida. O turismo de base comunitária é uma modalidade do turismo sustentável que abarca todas estas premissas, tendo como foco principal o bem-estar e a geração de benefícios para a população local do destino turístico.

A partir destas reflexões, este estudo buscou contribuir para a discussão do turismo como alternativa para o desenvolvimento local e melhoria da qualidade de vida, a partir do olhar da população que vivencia o lugar turístico e é, portanto, protagonista do processo. Seu objetivo cumpre o papel de dar voz a algumas visões da população do Arraial de Conceição do Ibitipoca a fim de que os gestores locais possam empreender esforços para adequar o planejamento local e as ações estratégicas em uma perspectiva de desenvolvimento sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.
- BANDUCCI JUNIOR, A.; BARRETTO, M. (Orgs.). **Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica**. 2. ed. Campinas, SP : Papyrus, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.
- BARRETO, M.N. **Manual de iniciação do turismo**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BAUMAN, Z. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BEDIM, B. P. **O processo de intervenção social do turismo na Serra de Ibitipoca (MG): simultâneo e desigual, dilema camponês no “Paraíso do Capital”**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências. Belo Horizonte, MG. 2008.
- BEDIM, B. P.; TUBALDINI, M. A. S. Turismo e populações rurais do entorno de Unidades de Conservação: dilemas socioambientais entre diferentes formas de apropriação do território. **Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v.6, n.2, p.356-376, dez. 2006.
- BENI, M. C. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.
- BOURDIN, A. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BRANDON, K. Etapas básicas para incentivar a participação local em projetos de turismo voltado para a natureza. In: LINDBERG, K.; HAWKINS, D. E. (Orgs.). **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: Ed. Senac, 2002, p.224-252.
- BRASIL. Ministério do Turismo, 2010. Estatísticas e Indicadores: Estatísticas Básicas do Turismo. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/dadosefatos/>>. Acesso em: 29 jan. 2010.
- BRASIL. Ministério do Turismo, 2010. Estatísticas e Indicadores: Turismo Mundial. Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/dadosefatos/>>. Acesso em: 29 jan. 2010.
- CANCLINI, N. G. **A globalização imaginada**. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2003.

CAO TRÍ, H. (Org.). **Développement Endogène: aspects qualitatifs et facteurs stratégiques**. Paris: UNESCO, 1988.

CATÃO, G.D.V. et al., Serra de Ibitipoca: Município de Lima Duarte. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Agricultura, 1964. 5p. (Relatório).

Conceicao do Ibitipoca, 2010. Fonte: www.ibitipoca.tur.br

COOPER, C. et al. **Turismo: princípios e práticas**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

COOPER, C., FLETCHER, J., GILBERT, D., WANHELL, S. **Tourism: principles and practice**. Great Britain: Pitman, 1993.

CORREA NETO, A.V. Cavernas em quartizitos da Serra do Ibitipoca, Sudeste de Minas Gerais In: Anais do Seminário de Pesquisa do Parque Estadual do Ibitipoca, MG. Juiz de Fora: Núcleo de pesquisa em zoneamento ambiental da UFJF, 1997.

DELGADO, A.M. **Memória histórica sobre a cidade de Lima Duarte e seu município**. Juiz de Fora: Edição do autor, 1962.

DIAS, R. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. 1 ed. Porto Alegre: Editora Globo. 1974.

DORON, R. ; PAROT, F. (Orgs.). **Dicionário de Psicologia**. Paris : Editora Ática, 1991.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.

DRUMMOND, G.M.; MARTINS, C.S.; MACHADO, A.B.; SEBAIO, F.A. & ANTONINI, Y (Orgs.). Biodiversidade em Minas Gerais, um atlas para sua conservação. 2 ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversita, 2005.

FONTELES, J. O. **Turismo e Impactos Socioambientais**. São Paulo: Aleph Editora. 2004.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO - FJP. Plano diretor de organização territorial e desenvolvimento do turismo em Conceição do Ibitipoca. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000. 313 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DPA, 2000.

HÔ, P.N. **Développement endogène: aspects qualitatifs et facteurs stratégiques**. Paris: Unesco, 1988.

Ianni, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

Instituto Estadual de Florestas -IEF. **Parque Estadual**. Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/areas-protegidas/parques-estaduais>>. Acesso em: 23 mar. 2010.

IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.; BURSZTYN, I. **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares brasileiros**. Rio de Janeiro: Letra & Imagem, 2009, p. 108-121.

_____. Ecoturismo Em Áreas Protegidas: Da Natureza ao Fenômeno Social. In: CASTILHO, N.; ZYSMAN, N. & CASTILHO, V. **Pelas trilhas do Ecoturismo**. São Carlos: Editora RIMA, 2008, p.3-15.

_____. Turismo como instrumento para desenvolvimento local: Entre a potencialidade e a utopia. In: D'AVILA NETO, M. I; PEDRO, R. (Org.). **Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social**. Rio de Janeiro: MAUAD: Bapera Editora, 2003, p. 157-166.

_____. Refletindo sobre o ecoturismo em áreas protegidas. In: IRVING, M. A.; AZEVEDO, J. (Orgs.). **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002, p. 47-68.

IRVING, M. A. et al. Revisitando Significados em Sustentabilidade no Planejamento Turístico. In: **Caderno Virtual de Turismo**. Vol. 5. Nº 4, 2005.

_____. et al. Construindo um modelo de planejamento turístico de base comunitária: um estudo de caso. SÉRIE DOCUMENTA/UFRJ. Programa EICOS/ Cátedra UNESCO v.1, n.10, Rio de Janeiro: UFRJ, 1999, p.59-82.

JAFARI, J. **La cientificación del turismo: estudios y perspectivas en turismo**. Buenos Aires: CIET, v. 3, n. 1, p.7-36, 1994.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**. 3 ed. São Paulo: Aleph Editora. 2003.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Economia do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 1991.

LARAIA, R. B. **Cultura: Um conceito antropológico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

LICKORISH, L.J.; JENKINS, C.L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LUCHIARI, M. T. D.P. Urbanização Turística: um novo nexos entre lugar e o mundo. In: SERRANO, C. M. T.; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. D.P. (Orgs.). **Olhares Contemporâneos sobre o Turismo**. Campinas: Papyrus, 2000. p.105-130.

MACIEL, T.B. Paradigmas e desafios da ecologia social: aplicações das teorias e das práticas de um projeto de desenvolvimento local. In: Campos, R. & Guareschi, P. (Orgs.). **Paradigmas em Psicologia Social: A perspectiva Latino-Americana**. 3ed. Editora Vozes, Petrópolis: 2006. p. 186-206.

_____. Da sustentabilidade à sustentabilidade do ser: por um Desenvolvimento Humano Durável. In: D'Ávila Neto, M. I.; Pedro, R. M. L. (Orgs.) **Tecendo o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: MAUAD: Bapera Editora, 2003.

_____. Questões atuais de Ecologia Social. In: BOMFIM, E. M. (Org.). **Psicologia Social: Horizontes Contemporâneos**. Belo Horizonte: ABRAPSO, 1999.

MAZZUOLI, V. O. A proteção internacional dos direitos humanos e o direito internacional do meio ambiente. **Revista de Direito Ambiental**, São Paulo, v. 9, n. 34, p. 97-123, abr./jun. 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA. Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos. Fundação SOS Mata Atlântica e Fundação Biodiversitas. Brasília, 2000.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA. Diagnóstico da visitação em parques nacionais e estaduais. Brasília, 2004.

MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MORIN, E. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

MORIN, E.; KERN, A.B. **Terra Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MULS, N. C.. A formação da estrutura agrária mineira e a gênese do campesinato. **Análise & Conjuntura**, Belo Horizonte, v.5, n.3, p.94-109, set./dez. 1990.

NOSSO FUTURO COMUM/Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1991.

O GLOBO. Projeto transforma Serra e cria parque para desenvolver turismo. Caderno Turismo. **O Globo**, Rio de Janeiro, p.4, 11 a 20 jun. 1973.

OLIVEIRA, A. P. L. **A etnohistória como arcabouço contextual para as pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira**. Juiz de Fora: Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF, 2004. 25 p.

OMT, 2004. Sustainable development. Disponível em: < <http://www.worldtourism.org/sustainable.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2004.

_____. 1997. **Manual técnico nº1: conceptos, definiciones e clasificaciones para lãs estadísticas del turismo**. Madri, 1997.

_____. Agenda 21 for the travel and tourism industry: towards environmentally sustainable development. Madri, 1994.

PEREZ, B.; CARRILLO, E. **Desarrollo local: Manual de uso**. Madrid: Esic, 2000.

RESENDE, T. C. C.. **Dinâmica do contato dialetal: estudo sociolingüístico em Conceição de Ibitipoca**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006.

RIST, G. **Le développement: histoire d' une croyance occidentale**. Paris: Presses de Sciences Po, 1996.

RODELA, L.G. **Distribuição de campos rupestres e cerrados de altitude na Serra do Ibitipoca, sudeste de Minas Gerais**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, SP. 2000.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e desenvolvimento local**. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

_____. **Turismo e Espaço. Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec. 2001.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. São Paulo: Papirus, 1997.

SACHS, I. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento, crescer sem destruir**. São Paulo: Ed. Vértice, 1986.

SACHS, I. **Stratégies de l'eco-développement**. Paris: Ed. Ouvrieres, 1980.

SAINT-HILAIRE, A. Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

SANCHO, A. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

SANTOS, B. S. **Introdução a um a ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, A. L.; CAMPELO, M. S. Os impactos causados pelo turismo na Vila de Conceição do Ibitipoca – MG. Jun 2008. Disponível em:
<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS>. Acesso em: 20 jul. 2009.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENN, N. Principais povos selvagens que tiveram o seu “habitat” em território das Minas Gerais. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, v.1, jul.,1937.

SILVEIRA, M.A.T. Planejamento territorial e dinâmica local: bases para o turismo sustentável In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e desenvolvimento local**. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

SILVEIRA, A. A. Memórias Chorographicas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1921.

_____. Fontes, chuvas e florestas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923.

SIMIQUELI, R. F. **Perspectivas para a conservação do Parque Estadual do Ibitipoca – MG: participação social, avaliação, manejo e percepção ambiental**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, PGECOL. Juiz de Fora. 2008.

SOUZA, M.J.L. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e desenvolvimento local**. 3 ed. São Paulo- Editora Hucitec, 2002.

TRIBUNA DE LIMA DUARTE, Serra de Ibitipoca: um paraíso perdido. Lima Duarte, 22 abr. 1987.

TRIGO, L.G.G. **A sociedade pós-industrial e o profissional de turismo**. São Paulo: Campus, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.

UNEP. Making Tourism Sustainable: a guide for policy makers. Paris: UNEP, 2005.

VALE, C. M. Parques e Reservas de Minas Gerais. Parque Estadual de Ibitipoca. **Minas Ambiente** . Informativo da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, n.9, p.4, 1986.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WWF-BRASIL. Certificação em Turismo: Lições mundiais e recomendações para o Brasil. SALAZAR, S. (Coord.). Brasília: WWF-Brasil, 2001.

ZAOUAL, H. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro: v. 8, n. 2, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiros de Entrevista: População Local

Nome :

Sexo:

Escolaridade:

Atual ocupação:

1. Desde quando mora no Arraial?
2. O que aconteceu nesse tempo?
3. Como você vê estas mudanças?
4. Mudou alguma coisa com o turismo no Arraial?
5. Como você vê estas mudanças?
6. Como você vê a chegada dos turistas nas férias, fins de semana, feriados? Qual sua relação com eles?
7. O que acha que melhorou com o desenvolvimento do turismo?
8. O que piorou?
9. Quando você pensa em desenvolvimento o que vêm a sua cabeça?
10. E quando pensa em qualidade de vida?
11. Como você vê o Arraial em termos de desenvolvimento e qualidade de vida?
12. Você acha que está faltando alguma coisa no Arraial para melhorar a qualidade de vida? Se sim, o que?

APÊNDICE B – DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Figura 7: Ruas no centro do Arraial de Conceição do Ibitipoca
Fonte: ALVES, 2010



Figura 8: Praça Matriz - centro do Arraial de Conceição do Ibitipoca
Fonte: ALVES, 2010



Figura 9: Casa no centro do Arraial de Conceição do Ibitipoca
Fonte: ALVES, 2010



Figura 10: Loja de artesanato no centro do Arraial de Conceição do Ibitipoca
Fonte: ALVES, 2010



Figura 11: Placa na entrada do Arraial
Fonte : ALVES, 2010



Figura 12: Pousadas no entorno do Arraial
Fonte: ALVES, 2010



Figura 13 : Paisagens Parque Estadual do Ibitipoca - 1
Fonte: ALVES, 2010



Figura 14: Paisagens Parque Estadual do Ibitipoca – 2
Fonte: ALVES, 2010

ANEXOS

ANEXO A – DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 15: Foto do Arraial de Conceição do Ibitipoca
Fonte: www.ibitipoca.tur.br



Figura 16: O Arraial de Conceição do Ibitipoca - 1987/2007
Fonte: BEDIM, 2008



Figura 17: Ibitipoca - "Altar natural"
Fonte: BEDIM, 2008.

ANEXO B – MAPA DE DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM E ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS AMOSTRADOS NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DE IBITIPOCA.

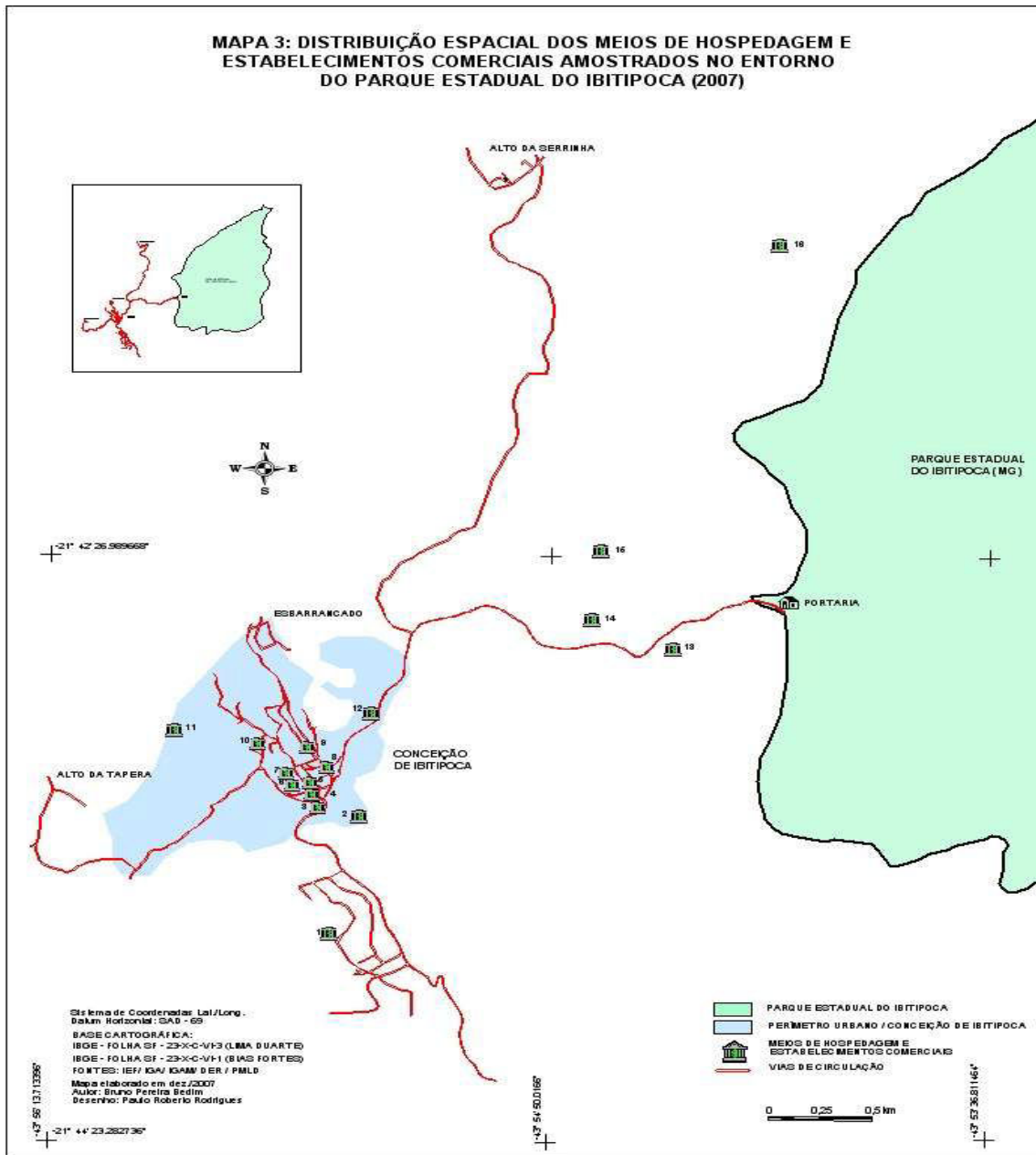
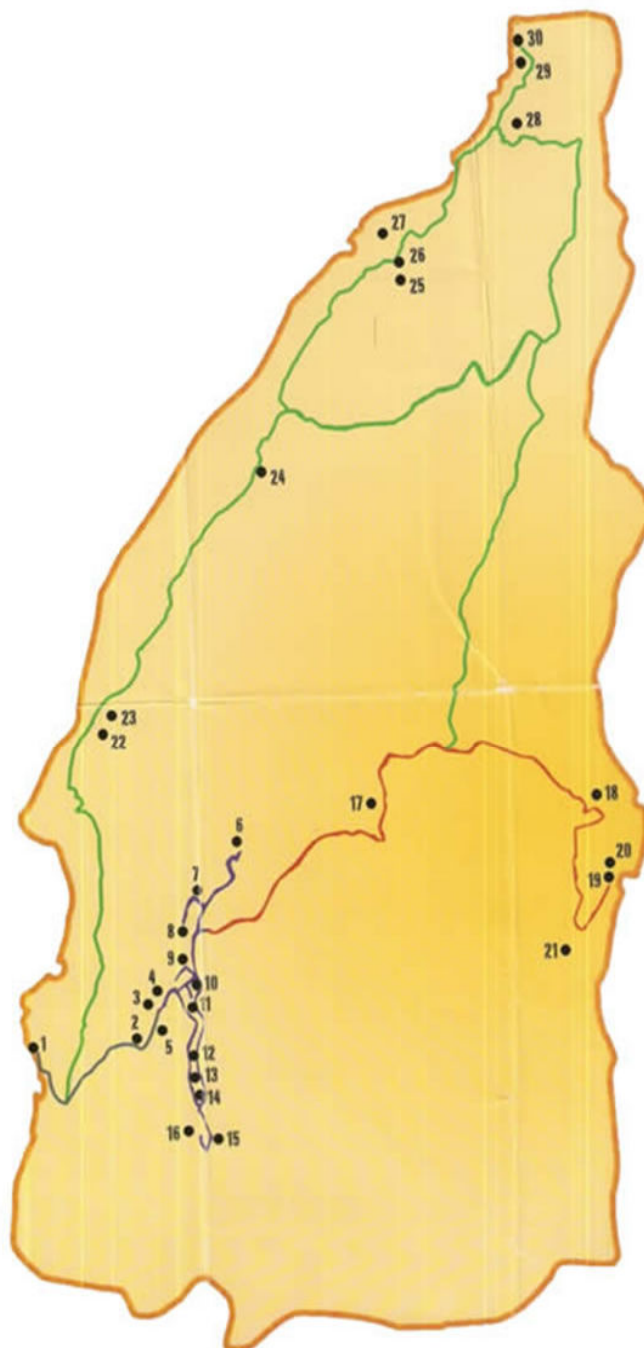


Figura 18: Mapa de distribuição espacial dos meios de hospedagem e estabelecimentos comerciais amostrado no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca.
Fonte: BEDIM, 2008.

ANEXO C – MAPA DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS DO PARQUE ESTADUAL DE IBITIPOCA

MAPA DO PARQUE

	Distância da Portaria
Circuito das Águas	
5. Gruta dos Coelhos	1.200 m
6. Lago dos Espelhos	2.300 m
7. Ducha	1.900 m
8. Lago Negro	2.000 m
9. Prainha das Elfas	1.430 m
10. Prainha	1.420 m
11. Gruta dos Gnomos	1.650 m
12. Lago das Miragens	1.800 m
13. Mirante	2.100 m
14. Ponte de Pedra	2.040 m
15. Cachoeira do Macacos	2.400 m
16. Mirante	2.350 m
Circuito do Pião	
17. Gruta do Monjolinho	3.100 m
18. Gruta do Pião	4.400 m
19. Pico do Pião (Alt. 1.720 m)	5.600 m
20. Ruínas da Capela Sr. Bom Jesus da Serra	5.600 m
21. Gruta dos Viajantes	5.350 m
Circuito Janela do Céu	
22. Cruzeiro	2.830 m
23. Gruta da Cruz	2.900 m
24. Pico da Lombada (Alt. 1.784m)	4.420 m
25. Gruta dos Três Arcos	5.760 m
26. Gruta dos Fugitivos	5.710 m
27. Gruta dos Moreiras	5.800 m
28. Cachoeirinha	7.550 m
29. Mirante	7.700 m
30. Janela do Céu	7.800 m
Infra Estrutura	
1. Portaria	
2. Centro de Visitantes	1.000 m
3. Camping	1.300 m
4. Lanchonete/ Restaurante	1.300 m



fonte: IEF- Parque Estadual de Ibitipoca

Atenção

- * Não passe por trilhas interditas;
- * Não pegue animais ou flores;
- * Não destrua a Natureza;
- * Não faça fogueiras, nem jogue cigarros;
- * Não alimente animais silvestres;
- * Seja um turista responsável, traga seu lixo de volta.

Ajude a preservar o nosso parque

Figura 19: Mapa de atrativos turísticos do Parque Estadual de Ibitipoca
Fonte: IEF, 2010.

ANEXO D: LEI DE CRIAÇÃO DO PARQUE ESTADUAL DE IBITIPOCA**LEI 6126**

Data: 04/07/1973

Ementa: CRIA OS PARQUES FLORESTAIS DE IBITIPOCA E DA JAIBA, NOS MUNICIPIOS DE LIMA DUARTE E MANGA.

Fonte: PUBLICAÇÃO - MINAS GERAIS DIÁRIO DO EXECUTIVO
- 05/07/1973 PÁG. 5

Texto: Cria os Parques Florestais de Ibitipoca e da Jaíba, nos municípios de Lima Duarte e Manga.

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - É criado o Parque Florestal de Ibitipoca na Fazenda do mesmo nome, nos terrenos incorporados ao patrimônio do Instituto Estadual de Florestas, conforme escritura pública lavrada no Cartório do Segundo Ofício de Notas de Belo Horizonte,

Livro 546-C fls. 72 a 74 e transcrita sob o nº 11.456. fls. 15 do Livro "3-I" do Registro de Imóveis da Comarca de Lima Duarte.

Art. 2º - O Parque Florestal de Ibitipoca, compreendendo uma área de 14.887.000 m² (quatorze milhões, oitocentos e oitenta e sete mil metros quadrados) de terras situada no lugar denominado Fazenda de Ibitipoca, possui os limites e confrontações seguintes: partindo do pp=o, pelo primeiro caminhamento, em divisas com João

Batista, até o ponto de interseção com a cota 1521,9: deste ponto, em confrontação com Totó Borges, até o marco nº 8, de onde passa a confrontar com Valdivino Bahú, até ao marco nº 11: daí, em confrontação com o município de Bias Fortes, até ao marco nº 25; e, deste marco ao ponto de interseção das estacas nºs 31/32, em divisas com o município de Lima Duarte; e deste ponto, em divisas com Ricardo Borges, por um córrego, até ao marco nº 37; seguindo por este mesmo córrego até ao marco nº 47=64, em divisas com Francisco Moreira Delgado, onde tem fim o primeiro caminhamento; voltando ao pp=o, pelo segundo caminhamento, partindo deste ponto ao marco nº 7, confrontando com Manoel Ferreira; deste marco ao marco nº 19, em divisas com José Alves de Paula; do marco nº 19 ao marco nº 27, em divisas com Jovino de Sales; do marco nº 27 ao marco nº 32, em divisas com Júlio João Ribeiro; do marco nº 32 ao marco nº 37, em divisas com Alcino Teixeira Campos do marco nº 37 ao marco nº 44-A, em divisas com Agenor Teixeira Campos; do marco nº 44-A ao marco nº 46-A, em divisas com Raimundo Deodoro

Monteiro; do marco nº 46-A ao marco nº 57-A, em divisas com Dario de tal, por um córrego, até ao alinhamento dos marcos ns. 58/59, seguindo pelo caminhamento, até ao marco nº 63 mais 62m (sessenta e dois metros), onde de novo encontra o córrego, em divisas com Francisco Moreira Delgado, ponto de fechamento dos dois caminhamentos, tudo conforme planta que se acha arquivada no Serviço do Patrimônio da Secretaria de Estado da Administração.

Art. 3º - É igualmente criado o Parque Florestal da Jaíba, no Município de Manga, nos terrenos doados ao Instituto Estadual de Floresta pela Fundação

Rural Mineira - Colonização e Desenvolvimento Agrário - RURALMINAS, conforme escritura pública lavrada no Livro 191, fls. 11 a 13 v., do Cartório do 9º Ofício de Notas de Belo Horizonte.

Art. 4º - O Parque Florestal da Jaíba, compreendendo uma área de 6.211 ha (seis mil duzentos e onze hectares) de terras situada no lugar denominado Jaíba. Município de Manga, possui os seguintes limites a confrontações: tem como ponto de partida o marco M1, que corresponde com a estaca PP+52,00 metros e se acha a 15 metros do eixo da estrada de Jaibênia a Matias Cardoso: desse marco, segue paralelamente a estrada e conservando-se a 15 metros do eixo, confrontando com terrenos da RURALMINAS, numa extensão de 7.645,50 metros até o marco M2; à esquerda, ainda confrontando com terrenos da RURALMINAS, segue por uma reta de 6.022,00 metros e no rumo de 270°00'00" verdadeiro, até o marco nº M3, locado a 10 metros do eixo da estrada; à esquerda segue paralelamente a estrada e conservando-se a 10 metros, desse eixo numa extensão de 7.298,00 metros, até o marco nº M4, confrontando com as terras da Várzea da Manga; à esquerda confrontando com os terrenos da RURALMINAS, segue na direção leste a uma distância de 11.939,50 metros, até o marco M1 ponto de partida.

Art. 5º - Os Parques criados por esta lei ficam sob a administração e jurisdição do Instituto Estadual de Florestas.

Art. 6º - É o Poder Executivo autorizado a regulamentar a presente lei.

Art. 7º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 8º - Revogam-se as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução desta Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

Dada no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, aos 4 de julho de 1973.
Rondon Pacheco - Governador do Estado